



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS – DLCV
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

ROSSANA TAVARES DE ALMEIDA

A VIOLÊNCIA NOS CONTOS *A MAGIA DOS EXCESSOS E O PERFUMEDE*
ROBERTA

JOÃO PESSOA

2015

ROSSANA TAVARES DE ALMEIRA

**A VIOLÊNCIA NOS CONTOS A *MAGIA DOS EXCESSOS E O PERFUME* DE
ROBERTA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras, Português, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Sérgio Castro Pinto

JOÃO PESSOA

2015

A447v Almeira, Rossana Tavares de.
A violência nos contos A Magia dos Excessos e O Perfume
de Roberta / Rossana Tavares de Almeida.- João Pessoa,
2015.
40f.
Orientador: Sérgio Castro Pinto
Monografia (Licenciatura) - UFPB/CCHLA
1. Gouveia, Arturo - crítica e interpretação. 2. Fernandes,
Rinaldo de - crítica e interpretação. 3. Literatura brasileira -
crítica e interpretação. 4. Contos. 5. Violência.

UFPB/BC

CDU: 869.0(81)(043.2)

ROSSANA TAVARES DE ALMEIRA

**A VIOLÊNCIA NOS CONTOS A *MAGIA DOS EXCESSOS E O PERFUMEDE*
*ROBERTA***

Monografia apresentada ao Curso de Letras, Português, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

APROVADA EM: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Sérgio Martinho Aquino de Castro Pinto
Orientador

Prof^a. Dr^a. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne
Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima B. de Mesquita Batista
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por tudo que fez, e por tudo que irá fazer;

Aos meus pais e, principalmente, minha mãe, que me incentivou a cursar letras-português;

Ao meu orientador Sérgio de Castro Pinto, que, com muita paciência transmitiu seus conhecimentos; ao professor Arturo Gouveia e também à professora Luciana Eleonora, que aceitou participar da minha banca examinadora;

Sou eternamente grata à professora Maria de Fátima Batista, não só por fazer parte da minha banca, mas por ter contribuído para meu enriquecimento acadêmico, ensinando-me com muita paciência;

Às minhas queridas amigas, que se tornaram irmãs, Ana Raquel e Íracles Andressa, que estiveram ao meu lado em todos os tempos;

Aos meus amigos Graciela, Antônio Felipe, Giullia, Renata e, principalmente, Kátia, por elevar minha autoestima intelectual;

E, grandemente, ao meu amigo e namorado Wendel Alves.

RESUMO

O intuito deste trabalho é a análise dos contos "A magia dos excessos", de Arturo Gouveia, e o "O perfume de Roberta", de Rinaldo de Fernandes, focando nos tipos de violência praticada pelos protagonistas de cada narrativa. Utilizamos como base teórica o capítulo "Sobre o poder simbólico", do livro *O poder simbólico*, do sociólogo Pierre Bourdieu. Nesse capítulo, o sociólogo relaciona poder e violência. Utilizamos também uma tipologia da violência baseada na Organização Mundial de Saúde, entre outras fontes.

Palavras-chave: Conto. Violência. Poder. Perversão.

ABSTRACT

The purpose of this work is the analysis of short stories "The magic of excesses," Arturo Gouveia, and the short story "The scent of Roberta," Fernandes Rinaldo, focusing on the types of violence by the protagonists of each narrative. We used as theoretical basis the chapter "On the symbolic power", the book symbolic power, the sociologist Pierre Bourdieu. In this chapter, the sociologist related power and violence. We also use a typology of violence based on the World Health Organization.

Key-words: Tale. Violence. Power. Perversion.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	7
2 A fundamentação teórica.....	11
2.1 Concepções da violência.....	11
2.2 Tipologia da violência.....	13
2.3 A violência simbólica.....	16
2.4 Violência e poder.....	18
2.5 A violência sob a ótica da psicanálise.....	21
2.6 A perversão sexual.....	22
3 Análise textual do conto “A magia dos excessos”.....	24
3.1 A violência cultural: o desrespeito a crença religiosa.....	24
3.2 A ironia e blasfêmia usadas como artifício da violência religiosa.....	26
3.3 A violência e preconceito social, racial e gênero.....	29
3.4 Pedofilia: os querubins.....	31
4 Análise textual do conto “O perfume de Roberta”.....	33
4.1 O desejo do incesto.....	33
Considerações finais.....	37
Referências bibliográficas.....	38
Anexos.....	40

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise dos contos "A magia dos excessos", de Arturo Gouveia, e "O perfume de Roberta", de Rinaldo de Fernandes. Nossa pretensão é observar as ocorrências das práticas violentas, identificando a representação literária do tipo de violência praticada. A tipologia da violência é extraída de um relatório publicado pela Organização Mundial de Saúde, e do capítulo "Sobre o poder simbólico", do livro *O poder simbólico*, do sociólogo Pierre Bourdieu.

A análise tem como foco as práticas de Mr. Methal, do conto de Arturo Gouveia, e "Pedro", do conto de Rinaldo de Fernandes. A estrutura do trabalho está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo será apresentada a proposição, elencando as obras já publicadas dos autores dos contos escolhidos. Também é feita uma explanação do *corpus*. Segue-se a isso a justificativa da escolha das obras.

No segundo capítulo, primeiramente, são apresentados o conceito, a tipologia e a natureza da violência. Em seguida, discutimos sobre a relação entre violência e poder, em uma abordagem mais sociológica. Depois, expõe-se a violência sob o ponto de vista da psicanálise. E, por fim, caracterizamos a perversão sexual como uma prática de violência. Para isto, recorreremos aos principais conceitos sobre o tema.

No terceiro capítulo, está contida a análise dos contos, dividida em cinco tópicos. Do primeiro até o quarto, analisa-se o conto "A magia dos excessos", por ser uma narrativa mais extensa, dividida de acordo com o tipo de violência. Na última parte da análise, buscamos mostrar de que forma a violência simbólica e a perversão sexual se apresentam no conto "O perfume de Roberta".

Neste trabalho é proposto o estudo de dois contos, "A Magia dos excessos", do escritor Arturo Gouveia, e "O Perfume de Roberta", do contista Rinaldo de Fernandes, tendo como categoria de análise a violência. Nossa pretensão é verificar de que forma a violência é praticada, focalizando as personagens que sofrem a ação, e também mostrando as diversas formas como a violência se manifesta em cada texto escolhido.

Para uma análise mais elaborada acerca do tema proposto, foi utilizado o texto do psiquiatra David Léo Levisky (2010) e o de Neusa Romero Barazal (2014). Ambos trazem, de forma clara e concisa, o conceito de violência. Também foi utilizado o ensaio "A violência simbólica", de Pierre Bourdieu (1998), que aborda o tema sob uma perspectiva diferente das anteriormente citadas.

Para a compreensão da relação entre a categoria analítica e o poder, é discutido o texto de Arturo Gouveia (2012), abordando a relação entre o poder e o Estado. Em contrapartida, expomos a ideia de Roberto Machado (1970), que faz uma leitura do poder e violência segundo Michel Foucault. Para este autor, o poder não está centralizado no Estado.

Além de abordarmos o tema no sentido sociológico, social e político, analisamos o tema pelo viés da psicanálise, utilizando, nesta perspectiva, como principal base teórica, a obra de Maria da Graça Blaya Almeida (2010), mostrando a violência de forma mais psicológica.

Para uma maior compreensão do *corpus*, apresentamos, primeiramente, uma explanação sobre as obras dos autores dos contos escolhidos, por estes serem escritores pouco divulgados. Apesar de serem autores pouco conhecidos nacionalmente, estes têm uma significativa quantidade de obras publicadas.

O escritor paraibano Arturo Gouveia já tem publicados seis livros de contos: *O mal absoluto* (1996), *A farsa dos milênios* (1998), *Os nove décimos* (2000), *A arte do breve* (2003), *O Evangelho segundo Lúcifer* (2007), *Santíssimas trevas* (2008). O livro *Os nove décimos* já foi incorporado à *Santíssimas trevas*. Dos contos que compõem *A arte do breve*, "A maldição de Tibério" já foi incorporado ao *O Evangelho segundo Lúcifer*. Os demais ainda serão incluídos pelo autor em outras obras, após revisão.

O conto "A magia dos excessos" faz parte do livro *Santíssima Trevas* (2008). A história analisada tem como personagem principal Mr. Methal. Este também aparece como protagonista no conto "Mr. Methal", de *A farsa dos milênios* e é citado nos contos "A maldição de Tibério", de *O Evangelho segundo Lúcifer*, e "Os nove décimos", de *Santíssimas Trevas*. Todavia, neste trabalho, não iremos discutir a representação do Mr. Methal nessas obras, somente no conto "A magia dos excessos". Nosso objetivo é identificar o tipo de violência que ocorre no conto e o perfil das personagens que sofrem tal prática.

A violência é tema constante na obra *Santíssimas Trevas*, sempre associada à ironia. De forma geral, na obra, não há distinção de classes nas personagens que são alvos de agressões, pois existem contos em que autoridades de alta patente também são objetos de brutalidade, como no conto "Os nove décimos". Já no conto "Sem retorno", Ernesto, personagem pobre, sem nenhuma importância para a sociedade, é espancado pela polícia. Este é um dos contos em que a violência não é tão contundente como nos outros da obra precitada.

Já o autor Rinaldo de Fernandes tem quatro livros de contos: *O caçador* (1997), *O perfume de Roberta* (2005), *O professor de piano* (2010), *Confidências de um amante quase idiota* (2013), e dois romances publicados: *Rita no pomar* (2008), *Romeu na estrada* (2014).

Além disso, Rinaldo de Fernandes organizou três coletâneas de contos nas quais também publicou textos de sua autoria. Trata-se de *Contos cruéis* (2006), *Quartas histórias* (2006) e *Capitu mandou flores* (2008). Na segunda coletânea encontra-se "Sariema", já publicado antes em *O perfume de Roberta*; na terceira, "Beleza", publicado posteriormente em *O professor de piano*. É preciso esclarecer que a prática da reescrita tem sido constante na obra de Rinaldo de Fernandes, porque encontramos contos que reaparecem nos romances. Um dos destaques é "Rita e o cachorro", cujo enredo foi ampliado depois em um romance, culminando na obra *Rita no pomar*.

O conto "*O perfume de Roberta*", contido no livro de nome homônimo, narra a história de um homem que pega o perfume e a roupa da filha e sai durante a madrugada com uma adolescente de rua, colocando nela o perfume e o vestido da filha Roberta, dando um prato de comida à mendiga em troca de sexo.

Assim, como nas obras de Arturo Gouveia, a de Rinaldo de Fernandes também apresenta a violência como tema, como discerne Moacyr Scliar no prefácio do livro *O perfume de Roberta*:

Através da transgressão e da violência Rinaldo de Fernandes capta o drama da sociedade brasileira atual, uma sociedade que sofre o choque de uma modernidade caótica com valores tradicionais, e na qual as pessoas pagam o preço de um suposto progresso através do isolamento e da solidão [...] (2005, p. 11).

A violência na obra *O perfume de Roberta* em relação à obra *Santíssima Trevas* é muito mais sutil, porque não há cenas tão fortes de violência. Na obra de Arturo Gouveia, o ser humano é visto de uma forma bastante cruel, tendo uma perversidade racionalizada e praticada de forma excessiva, e os atos, no livro, são descritos de forma minuciosa.

A escolha do *corpus* se justifica, primeiramente, porque não encontramos nenhum trabalho que já tenha analisado a narrativa "A magia dos excessos". Pode-se afirmar ser este o primeiro estudo analítico sobre o conto. Ao contrário deste, já há estudos, embora poucos, sobre o texto "O Perfume de Roberta", como o Trabalho de Conclusão de Curso do graduando Frederico Silva, intitulado "Da letra ao inconsciente: dimensões do desejo perverso". Nesse trabalho, o autor analisa o conto "O perfume de Roberta" sob a perspectiva psicanalista do perverso, se aproximando um pouco do nosso trabalho, que caracteriza a perversão sexual como uma prática de violência. Também há outros trabalhos que não só abordam o conto "O perfume de Roberta", como os demais contos da obra homônima.

A escolha do *corpus* não se justifica somente por existirem poucos estudos sobre os contos, mas também por serem textos que geram no leitor uma inquietação diante das práticas violentas.

A categoria analítica foi escolhida por ser um dos temas mais trabalhados na literatura contemporânea. É um tema que suscita reflexão, porque tentamos entender e explicar o que gera a violência.

A relevância da obra de Pierre Bourdieu é grande, pois ele foi um dos primeiros sociólogos a discutir a violência simbólica, e esta é um tipo de violência pouco discutida. A escolha do Relatório Mundial da Saúde como suporte teórico foi relevante também para a compreensão da tipologia da violência analisada neste trabalho, pois é um dos estudos que possui o maior número de tipos de violência.

2 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEPÇÕES DA VIOLÊNCIA

Não é fácil conceituar a violência, pois teremos que considerar a cultura, o meio em que ela está inserida e a história, porque, em determinada época, uma prática que era considerada normal, permitida por lei, pode ser, em outra época, interpretada por uma visão negativa e repudiada pela sociedade, como, por exemplo, a escravidão colonial. A respeito da dificuldade de conceituar a violência, Levisky (2010, p. 6), psiquiatra e doutor em História assevera: "[...] conceituar violência é muito difícil visto que a ação geradora ou sentimento relativo à violência pode ter significados múltiplos e diferentes dependendo da cultura, momento e condições nas quais elas ocorrem". Baseado em Rocha (1996, p. 10), o autor apresenta o seguinte conceito de violência:

A violência, sob todas as formas de suas inúmeras manifestações, pode ser considerada como uma vis, vale dizer, como uma força que transgide os limites dos seres humanos, tanto na sua realidade física e psíquica, quanto no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas. Em outras palavras, a violência, sob todas as suas formas, desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, sem os quais o homem deixa de ser considerado como sujeito de direito e de deveres, e passa a ser olhado como um puro e simples objeto (LEVISKY, 2010, p. 6-7).

Percebe-se que o autor não restringe a violência à agressão física, considerando as diversas formas de praticá-las, sendo esta uma atitude desumana, que transgide a dimensão psíquica do ser humano. A prática da violência, nesse aspecto, sobretudo como instrumento do Estado, não pode ser explicada por falta de sanidade. Por meio da agressividade, o ser humano não leva em consideração os direitos fundamentais do outro, tratando-o como mero objeto.

A Organização Mundial de Saúde (2002, p. 5) define:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Neste sentido, a prática da violência não necessariamente precisa de contato físico, porém acarreta a supressão de algo de outrem ou de si mesmo. A Cartilha de

Orientações para Profissionais da Atenção Básica de Saúde (2013, p. 4) atribui à violência algumas características: é um fato humano e social e ocorre em diversas sociedades, embora em diferentes formas; histórica, pois ocorre em diferentes épocas, tendo algumas práticas que existem até hoje; não faz distinção de classes ou segmentos sociais, apesar de ter maior ocorrência em determinados grupos sociais. Dessa forma, a violência do dia a dia não está somente nas massas, dado que se encontra em todos os lugares. (ARAÚJO, 2004, p. 103)

O psiquiatra Fredric Wertham (1967) também considera a violência como fato histórico. Para o autor, não cabe somente à psicologia explicar o que acarreta a crueldade, dado que outros fatores são importantes para tal compreensão. Também critica o discurso de que as pessoas são violentas devido a algum trauma psicológico, ou por causa das mães que se inserem no mercado de trabalho e não têm mais tempo disponível para criar o filho de forma adequada:

As pessoas que costumam usar as explicações em voga para a violência - que é devida a mães prepotentes ou inadequadas, a instintos agressivos reprimidos e à revolta contra o abandono das fraldas muito cedo [...] Tentam reduzir os deprimentes fatos sociais ao nível de desconcertantes eventos de psicologia individual.

Tem a psicologia, nesse campo, importante papel a desempenhar; mas nenhum ato violento pode ser inteiramente explicado apenas pela psicologia. Devem ser levados em conta a sociedade e as várias influências que cercam o indivíduo e a família. A violência é sempre um fato histórico, isto é, sempre relacionada a condições histórico-sociais prevalentes (WERTHAM, 1967, p. 14).

Para a Dr.^a Neusa Romero Barazal (2014, p. 78), não há um consenso quanto a definição do termo violência, por causa da amplitude e de suas diferentes manifestações, presentes em variadas formas físicas e culturais da história da humanidade. Mesmo assim, para a autora, tal definição pode ser construída a partir de seus sentidos, variando conforme o senso comum:

[...] a contar com o entendimento da palavra conceito, a violência torna-se algo difícil de ser definido devido ao seu grau de abstração e a sua variedade de significação. A menos que seja entendida como um *a priori* da existência humana. Mesmo assim, várias foram as tentativas de classificar a *violência* como objeto de estudo. A seguir serão apresentadas algumas dessas tentativas.

A *violência* pode ser definida em termos de sentidos; da etimologia; do senso comum; do direito penal e civil; da filosofia; da etologia e outros. Existem as abordagens que se utilizam de critérios quantitativos com o intuito de estabelecer definições objetivas e, para tanto, pautam seus dados em inventários e estatísticas sociais, normas sociais determinadas; existem

também as abordagens que não descartam a violência entendida como um julgamento de valor, pois constituem a cultura do grupo de referência; a *violência assume* “sua qualificação de violência em função de normas definidas que variam muito (Grifos do autor)

2.2 TIPOLOGIA DA VIOLÊNCIA

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2002, p. 6), os tipos de violência podem ser classificados de acordo com alvo atingido. Assim, podem ser: **violência autoinfligida**, aquela que é dirigida a si próprio, com pensamentos suicidas e autoabusivos, como a automutilação; **violência interpessoal**, dividida nas subcategorias de **violência familiar e comunitária**; e por último a **violência coletiva**, que também se divide em **violência social, política e econômica**, podendo ser, respectivamente, atos terroristas, guerras e negação ao acesso de serviços essenciais. Vejamos o quadro:

QUADRO 1 – TIPOLOGIA DA VIOLÊNCIA

Violência auto-infligidas		dirigida a si próprio
Violência interpessoal	<ul style="list-style-type: none"> • violência familiar • violência comunitária 	dirigida ao outro
Violência coletiva	<ul style="list-style-type: none"> • violência social • violência política • violência econômica 	dirigida a um grupo

Fonte: Próprio autor.

Diferentemente, a Cartilha de Orientações para Profissionais da Atenção Básica de Saúde traz uma tipologia mais abrangente, mas só mostraremos as que não foram elencadas anteriormente. Para melhor compreensão didática, será exemplificada no quadro abaixo:

QUADRO 2 – TIPOLOGIA DA VIOLÊNCIA

Violência criminal	é o tipo mais comumente identificado. Abrange as agressões às pessoas e aos seus bens e constitui objeto de prevenção e repressão por parte da Segurança Pública: Polícia, Procuradoria e Poder Judiciário.	
Violência institucional	é a que ocorre dentro das instituições por meio de regras, normas de funcionamento e relações burocráticas, reproduzindo as injustiças da estrutura social.	
Violência cultural	expressa por meio de discriminações e preconceitos que de tão repetidos e reproduzidos se tornam comuns e naturais na sociedade.	<ul style="list-style-type: none"> • Violência de gênero • Violência racial/étnica

Fonte: Cartilha de Orientações para Profissionais da Atenção Básica de Saúde (2013)

A natureza da violência pode ser física, sexual ou psicológica. A primeira é caracterizada pelo uso da força, ocasionando consequências físicas e fisiológicas, como ferimentos e deformações. A violência sexual, geralmente ocorre por meio da violência física, mas pode também ocorrer através da atemorização e aliciamento, utilizando-se o outro para obter o prazer sexual. Já a violência psicológica são agressões verbais ou gestuais, com ameaças, perseguições e coerções, que possuem como objetivo amedrontar e humilhar, afastando a vítima do convívio social.

Falando especificamente de violência sexual, podemos afirmar que se manifesta de várias formas, como sintetizadas no quadro abaixo, a partir dos dados colhidos das Orientações para profissionais da Atenção Básica de saúde (2013)¹:

QUADRO 3 – TIPOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

a) Abuso sexual doméstico ou intrafamiliar	Quando existe um laço familiar ou de responsabilidade entre a vítima e o agressor
b) Abuso sexual extrafamiliar	Quando o abusador é alguém da confiança da vítima (educador, médico, colega, vizinho, psicólogo) ou pessoas desconhecidas.
c) Abuso sexual sem contato físico	É identificado como: assédio sexual, que são propostas de relações sexuais baseadas em ameaça e chantagem; conversas abertas sobre atividades sexuais destinadas a despertar o interesse da vítima; exibicionismo dos órgãos genitais; voyeurismo, que é o comportamento de observar fixamente atos ou órgãos sexuais de outras pessoas; e pornografia
d) Abuso sexual com contato físico	Ocorre através de carícias nos genitais, tentativa de relação sexual, sexo oral, penetração vaginal e anal
e) Pedofilia	Atração erótica por crianças, podendo o pedófilo se satisfazer com fotos, fantasias ou com o ato sexual.
F) Exploração sexual comercial ou prostituição	Relação sexual em troca de favores ou dinheiro.
g) Pornografia	Uso e exposição de imagens eróticas, partes do corpo ou práticas sexuais entre adultos e crianças, com outros adultos ou com

¹Disponível em: http://www5.ensp.fiocruz.br/biblioteca/dados/txt_469588428.pdf.

	animais, em revistas, livros, filmes, internet. Esse crime diz respeito a quem fotografa ou filma e a quem mostra as imagens.
h) Turismo sexual	Caracterizado por excursões com fins velados ou explícitos de propiciar prazer e sexo a turistas.
i) Tráfico para fins de exploração sexual	Envolve sedução, aliciamento, rapto, intercâmbio, transferência, hospedagem para posterior atuação sexual das vítimas. de outras pessoas; e pornografia.

Fonte: Orientações para profissionais da Atenção Básica de saúde (2013)

2.3 A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

A violência simbólica é totalmente diferente das outras já apresentadas, pois não é perceptível por uma lesão, agressão psicológica, humilhações e constrangimentos (ARAÚJO², 2004, p. 104). É legitimada pela sociedade, que está inserida nos sistemas simbólicos, manipulada pelas instituições, que sempre nos controla por meio de imposições, todavia, isso não é notado como forma de violência como os outros tipos, pois não apresenta lesões físicas ou psicológicas visíveis e também porque é algo consolidado e aceito na sociedade. Assim, damos significados a uma realidade que pensamos sempre ter existido, porque é dessa forma que nos é ensinado. À vista disso, a violência simbólica só é possível porque somos cúmplices tácitos do sistema simbólico: "[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou menos que exercem (BORDIEU, 1998, p. 7- 8).

O conceito de violência simbólica é desenvolvido pelo sociólogo Pierre Bourdieu, decorrente do conceito de poder simbólico, também defendido pelo autor. A violência é interpretada como, neste caso, simbólica por ser camuflada, sendo uma construção social arbitrária permanente em uma sociedade estratificada. Dessa forma, existem na sociedade

²Mestre em educação, doutorando em fundamentos da Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

imposições aos indivíduos, os quais não se opõem ou questionam, na medida que tudo se normaliza:

O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1998, p. 14 Grifos do autor).

Assim, Bourdieu (1998), em sua primeira síntese, defende a concepção de estruturas estruturantes estruturadas exercidas pelos sistemas simbólicos. Para maior compreensão, vejamos a exemplificação dada por Rafael Benedito de Sousa³:

Uma estrutura como a imprensa, ou mais especificamente, a mídia. Ela busca estruturar a sociedade, ou pelo menos uma parcela da sociedade de acordo com sua própria estrutura. Quando a mídia passa, ou vende uma ideia à sociedade, ela está estruturando. Se formos pensar nas grandes corporações midiáticas, elas estão estruturadas de acordo com a ideologia dominante, que é a ideologia da classe dominante. Esta então é a primeira síntese: Os sistemas simbólicos exercem poder através de estruturas estruturantes estruturadas (2014, p. 141).

Os sistemas simbólicos, como a mídia, a língua, a arte, a ciência, o mito e as instituições são as estruturas, sendo formas de conhecimento e construção do mundo (BOURDIEU, 1998, p. 8). Estas estruturas são estruturantes porque buscam moldar (estruturar) a sociedade, conforme sua estrutura própria. Os sistemas simbólicos, ao mesmo tempo que estruturam são estruturadas, por obedecerem a lógica da classe dominante.

Através dessas estruturas a classe dominante impõe suas ideologias à classe dominada, de forma que esta não perceba que está sendo vítima de dominação.

Além disso, há o conceito de *habitus*, que é a ligação entre a sociedade e o indivíduo, adquirido desde cedo, produzido nas condições de classe da estrutura familiar ou na escola, que irá identificar o nosso lugar na sociedade. Assim, não somos livres para fazer nossas escolhas que julgamos subjetivas:

O *habitus* [...] É o que determina o “gosto” do indivíduo. Esse “gosto” por determinada coisa, como um quadro de arte, uma música, um livro, etc., é tida pelo indivíduo como totalmente pessoal, inteiramente subjetivo. Como

³ Professor de Sociologia da Universidade da Califórnia (Berkeley). Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

diz o ditado popular: “gosto não se discute”. Porém, esse “gosto” é na verdade moldado pelo *habitus*, foi adquirido pelo indivíduo que pertence a um determinado campo, sem ele mesmo se dar conta disso. Segundo Bourdieu, “o *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em conjunto unívoco de escolhas, de bens, de práticas.” (SOUSA, 2014, p. 142).

É preciso relativizar, pois não somos mero produto mecanizado da influência da sociedade. Apesar de fazermos parte da classe dominada, coagida de forma quase imperceptível, reproduzindo diariamente o próprio sistema, há em nossa sociedade capitalista, uma margem de liberdade, que nos possibilita a fazer escolhas.

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade de sua dominação que por meio da própria, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes [...] (BOURDIEU, 1998, p. 12).

Todavia, o *habitus* não é imutável. Pode sofrer alterações conforme as novas experiências obtidas pelo sujeito (SOUSA, 2014, p. 143).

2.4 VIOLÊNCIA E PODER

Quando pensamos em poder, vem primeiramente à nossa mente a figura do Estado, que em suas atribuições de funções administrativas, detém maior poder através de sua soberania e leis, permitido por nós cidadãos, com o intuito de que todos possamos viver em harmonia, em tese. O poder do Estado é configurado como violência legalizada, organizando-se metodicamente e alicerçado na violência (GOUVEIA, 2012, p. 158).

Para diversos autores, a violência e o poder são indissociáveis, como para Oliveira e Martins⁴ (2012, p. 3), ao afirmarem que a violência é inerente à concepção de poder e subordinação. Para os autores, esta relação se tornou maior devido ao sistema capitalista, que atribui maior importância ao patrimônio, não valorizando a vida, vendo o poder de forma globalizada. Na sociedade capitalista, mesmo em tempos de suposta "normalidade democrática" há a existência permanente de violência (GORENDER, 1987 apud GOUVEIA, 2012, p. 157).

⁴Mestrando em Ciências criminais pela PUCRS.

Segundo Gouveia (2012, p. 156-157), a violência do Estado é diferente das demais devido às seguintes características:

- a) ter origem material (ou seja: nunca é abstrata ou simbólica) e justificativa ideológica fetichizada;
- b) ser componente de relações conflitantes entre as classes e os grupos sociais;
- c) causar prejuízo à alteridade;
- d) ser um meio de exprimir, pela força, alguma hegemonia ou defesa de posições de direitos historicamente constituídos;
- f) usar dos meios técnicos mais apurados do seu momento histórico, numa aliança clara entre a classe detentora dos avanços científicos e os administradores do Estado.

Diferentemente, para Machado (1970), que faz uma leitura sobre a obra *Microfísica do poder*, de Michel Foucault (1979), o poder não existe, o que existe são práticas ou relações de poder, não podendo ser localizado em nenhum lugar da estrutura social. Não é possível ter o poder como uma propriedade, muito menos possuí-lo. O autor defende a ideia de que o poder é uma relação difusa na estrutura social. Não existem grupos que detêm o poder e outros que não o detêm, porque nesta perspectiva o poder não está intrinsecamente relacionado ao modelo econômico.

Dessa forma, para Machado (1970), poder e violência não estão necessariamente relacionados, o poder não é visto por um viés negativo. Segundo Marinho (2008, p. 22), em seu trabalho intitulado "As relações de poder segundo Michel Foucault", o verdadeiro poder não pode ser atribuído à fonte de dominação, opressão e destruição, e, sim, como algo positivo capaz de construir e educar. Corroborando com a ideia anterior, Machado assevera (1970, p. XV): "A idéia básica de Foucault é de mostrar que as relações de poder não se passam fundamentalmente nem ao nível do direito, nem unicamente repressivas".

As relações de poder estão ligadas à liberdade, que para Marinho é um instrumento de proteção do indivíduo, isto porque só é possível controlar a liberdade de outrem se for consentido. Por não termos a consciência de nossa liberdade, a falsa ideia do poder nos impede de nos confrontarmos com a situação dentro do contexto. (MARINHO, 2008).

Percebemos que os pensamentos tanto de Machado (1970) como o de Marinho (2008) são totalmente divergentes do de Bourdieu. Enquanto àquele defende a existência de uma liberdade, no sentido de termos a consciência de que podemos fazer nossas próprias escolhas, e isto caracteriza-se como relações de poder, esse nega a existência da liberdade por causa do poder simbólico.

Assim como Machado (1970), Hannah Arendt (1969-1970, 2004, p. 4) afirma que o poder e a violência não estão intimamente relacionados:

Uma vez que a violência – distinta do poder, força ou vigor – necessita sempre de instrumentos (conforme afirmou Engels há muito tempo atrás), a revolução da tecnologia, uma revolução nos processos de fabricação, manifestou-se de forma especial no conflito armado.

Para Arendt, a violência é a última consequência da manutenção do poder. Este está relacionado com autoridade e obediência, sendo esta uma de suas facetas, ou seja, a violência é um dos recursos do poder, e não o único. O poder é tido como uma ação coletiva, como afirma as psicólogas Piva, Severo e Dariano (2007, p. 68):

Arendt coloca o poder como um fim e a violência como um instrumento de manutenção do poder. O exercício do poder implica em algum modo de obediência. A obediência está diretamente relacionada com a autoridade. O sujeito só obedece quem está no lugar da autoridade; isto é, aquele de reconhecimento inquestionável. A autoridade é considerada a outra face do poder, que faz com que o poder ganhe estabilidade e sustentação. O caminho para a estabilidade é a legitimação que se pode dar com ou sem o uso da violência. A sociedade não legitimando a autoridade do Estado não deixa o poder fluir. A legitimação é aceitação e conformismo.

Para a autora a característica mais fundamental do poder consiste no fato dele sempre ser o resultado de uma atuação conjunta e nunca individual. Com relação à violência, critica a postulação que tenta justificá-la sociologicamente. A violência é compreendida então, como reação ao enfraquecimento do poder; como impossibilidade de um fazer conjunto (PIVA; SEVERO; DARIANO, 2007, p. 68).

Para Reinaldo Dias (2010, p. 100), o poder está relacionado com a capacidade de persuasão que influenciará no comportamento do outro:

A maior parte dos cientistas sociais compartilha da ideia de que o poder é a capacidade para afetar o comportamento dos outros. O poder pode ser considerado como um meio que o grupo ou indivíduo tem de fazer com que as coisas sejam realizadas por outros indivíduos ou grupos.

Seguindo o pensamento de Max Weber, o autor confere ao poder a característica de imposição, em que na relação social o outro é forçado a obedecer, independente de sua vontade. O poder terá o aspecto de legitimidade quando é aceito pela sociedade. Nesta perspectiva, o poder se baseia em três tipos de dominação: a autoridade burocrática ou racional; a tradicional e a carismática (DIAS, 2010, p.100).

O autor considera o Estado o principal detentor do poder que apreende a dominação, no sentido de obediência, fazendo com que nós cidadãos obedeçamos as leis por meio da coação física ou por meio da privação de liberdade. Ainda Dias (2010, p. 104-107) ressalta que o poder se manifesta por três componentes: a força, a autoridade e a influência.

2.5 A VIOLÊNCIA SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE

Blaya Almeida (2010, p. 16) explica a violência pelo viés da psicanálise. Segundo a autora, nós, seres humanos, somos dominados por instintos que não podemos controlar, não tendo consciência disto. Mas, diferente dos outros animais, temos o privilégio de modificar o destino original de nossas energias instintivas. Por esta razão, Freud denominou pulsão, e o termo "instinto" é aplicado aos demais animais que, diferentemente dos humanos, agem automaticamente com um objetivo pré-determinado, como sobrevivência, não possuindo a nossa racionalidade. Todavia, a questão da personalidade não é somente uma questão interna:

O temperamento é a expressão das intensidades e das combinações das pulsões que vão determinar as predisposições da personalidade, inclusive se será mais amistosa ou mais agressiva. Mas a interferência do ambiente pode reforçar ou modificar a correlação entre forças instintuais e as características que se cristalizarão como padrões de satisfação dos impulsos, ou seja, os meios (através de quem ou do que) e todos (as peculiaridades). O ambiente exercerá essa influência decisiva sobre o indivíduo durante toda a sua vida (ALMEIDA M^a, 2010, p. 17).

O indivíduo possui duas pulsões opostas, a de morte e a de vida, que são inatas. A pulsão de morte é direcionada para a destruição, porque inconscientemente todo ser vivo deseja voltar para o estado inorgânico. Assim, nascemos para morrer, e uma fração da nossa personalidade objetiva a morte. Para nos defendermos da autodestruição, existe a pulsão de vida.

A forma que o ser humano encontrou para proteger-se da pulsão de morte é transferida para o mundo externo. Quando a pulsão é direcionada para a autodestruição, é denominada de masoquismo primário:

[...] Freud (1932) confirma sua teoria de que o ser vivo protege-se dos próprios instintos destrutivos direcionando-os para o mundo externo. Ou seja, o ser vivo salva a própria vida destruindo a vida alheia. Freud chamou de masoquismo primário o estado em que as pulsões de morte estão originalmente dirigidas para o próprio indivíduo e tendem a levá-lo para a autodestruição. Mas somos constituídos também pelas pulsões de

vida, que trabalham para neutralizar as pulsões de morte (ALMEIDA, 2010, p. 18).

A apresentação sobre o conceito e tipologia da violência é importante para a análise dos contos, pois partindo deste conhecimento prévio do tema, contribuirá para a identificação do tipo de violência que o *corpus* aborda. Além disso, a discussão sobre a violência simbólica exige uma leitura mais minuciosa, pois, como já vimos, este tipo de violência não é explícita.

2.6 A PERVERSÃO SEXUAL

Neste tópico serão apresentados alguns conceitos de perversão sexual. Entendemos esta como sendo uma prática da violência quando um indivíduo faz algo com outro sem o consentimento deste, usando de constrangimento, coação, humilhação, agressões físicas, verbais e psicológicas, para a obtenção do prazer sexual.

A discussão sobre a perversão sexual é importante para a análise literária, porque identificamos algumas ocorrências deste tipo de violência no *corpus* escolhido.

O precursor dos primeiros estudos sistemáticos acerca das diversas maneiras de perturbação da vida sexual do ser humano foi Richard Krafft-Ebing. Além disso, o autor faz uma síntese das concepções médicas da segunda metade do século XIX acerca da perversão. Nesse panorama, caberia à ciência definir quais práticas eróticas deveriam ser consideradas normais e quais deveriam ser consideradas patológicas (PEREIRA, 2009, p. 380).

Com o escopo de determinar o que seria considerado normal em meio às práticas sociais e o que seria desviante, Ebing busca a ciência biológica para responder tais questionamentos. À vista disso, o natural ou o normal seria o sexo com um único fim, o da preservação da espécie. Dessa forma, o prazer sexual não era permitido socialmente, porque não objetivava a procriação. O gozo que se desviasse desse objetivo deveria ser considerado perversão. Assim, para Krafft-Ebing, todas as exultações eróticas cujo designo não seja a perpetuação da espécie seriam consideradas perversão sexual.

No tocante à religião, o pastor evangélico Helton Angelo Gouvêa (2010, p. 79), em seu livro "*Perversão sexual - Proteja a si e a sua família*", conceitua a perversão sexual como tudo aquilo que Deus elucidaria como uma conduta sexual pecaminosa, fora da prática dos relacionamentos heterossexuais, ou seja, os relacionamentos homossexuais são considerados como práticas de perversão sexual. Para o autor, as práticas sexuais não devem

ter como única finalidade a perpetuação da espécie, todavia a vida sexual deve ser tracejada nos princípios cristãos, por esta razão, nem todas as práticas sexuais são permitidas no matrimônio.

Divergentemente, o psiquiatra Mannocci (1995) não denomina perversão sexual usando a nomenclatura "desvio sexual", porque para o autor esta definição é plástica, mudando de acordo com o tempo, local e cultura. Dessa forma, o que irá definir se uma prática sexual é perversão será a moral individual ou coletiva, porém afirma que o desvio sexual só será considerado patológico se acarretar prejuízo ao indivíduo.

Através dos argumentos apresentados vimos que a definição de perversão sexual mudou de acordo com o tempo. Percebe-se que, *a priori*, o discurso científico convergia com o religioso, porém hoje em dia outros fatores são levados em conta, não somente a perpetuação da raça humana, mas também a cultura e a época. Dessa forma, concordamos com Mannocci, ao afirmar que o conceito de perversão é mutável.

No conto “A Magia dos Excessos”, como o nome já sugere, contém em excesso diversos tipos, mas nos deteremos nas passagens de práticas violentas que excedem qualquer paradigma que possamos considerar ético e moral.

3 ANÁLISE TEXTUAL DO CONTO “A MAGIA DOS EXCESSOS”

3.1 A VIOLÊNCIA CULTURAL: O DESRESPEITO À CRENÇA RELIGIOSA

Dentre os diversos tipos de violência presentes no conto “A Magia dos Excessos”, pode-se afirmar que a mais nítida e a mais frequente é a violência cultural, no que tange à falta de respeito pelas crenças religiosas. Neste caso, o texto ridiculariza a religião cristã. Logo no início do texto, o personagem principal, Mr. Methal, é descrito como sendo um subversivo à doutrina cristã, sendo comparado a um monstro, por causa de suas ações excêntricas fora do comum:

Mr. Methal era um monstro. Não era apenas um ateu de coração podre, mas um destruidor de todos os valores cristãos. Mas é preciso reconhecer que Mr. Methal em suas extravagâncias, era tão demoníaco quanto genial. Eu participei, em sua mansão, de sua *penúltima* orgia, de sua *penúltima* aventura, de sua *penúltima* excentricidade, que ele fazia questão de chamar, em pleno gozo, com a boca cheia de cocaína, de “Esperma Cristalizado de Lúcifer” (GOUVEIA, 2008, p. 101-102, grifos do autor).

A violência cultural, na citação anterior, é apresentada através do desrespeito do Mr. Methal em nomear seus excessos de “*Esperma Cristalizado de Lúcifer*”, mostrando que não possui nenhum receio de usar o nome do inimigo de Deus. Além disso, tal personagem é considerado tão perverso que um dos adjetivos atribuído a ele é “demoníaco”.

Um dos prazeres do personagem principal é humilhar o Cardeal Mathei Stephani, e para isso, Methal contrata um escritor para redigir sonetos e peças ridicularizando o cardeal: “Veja bem, Mr. Methal me paga para eu fazer os textos dele. Ele quer que eu escreva dois sonetos para humilhar o Cardeal.” (GOUVEIA, 2008, p. 108). O anfitrião da festa compara o cardeal a um animal, pois em uma das cenas da peça é encenado o aborto do cardeal por uma porca. A escolha do animal é bastante significativa, não só porque é um animal considerado impuro, mas por ser o único animal na Bíblia em que Jesus permite que os espíritos imundos entrem. Sendo assim, uma dupla humilhação. A cena é descrita de forma extremamente violenta: “[...] Ele quer que eu termine uma pequena peça em que o Cardeal será abortado em um berço por uma porca. A porca já entrou no palco? Pois os nove querubins vão abrir a porca com faca e arrancar o Cardeal de dentro dela” (GOUVEIA, 2008, p. 108). O objetivo do anfitrião de humilhar o Cardeal é alcançado, porque os outros convidados riem da cena do seu aborto: “As roupas do Cardeal, subjogadas e infectadas de vísceras, causavam terror e

compaixão. As gargalhadas do Senador e dos militares não paravam" (GOUVEIA, 2008, p. 101).

O herege não tem como objetivo humilhar somente o Cardeal, mas também a Deus, desafiando a soberania divina: "O próprio Mr. Methal não entende quanta perversidade ele escreve contra Deus, quanta vontade de humilhar o Supremo [...]" (GOUVEIA, 2008, p. 103). Além disso, o confronto a Deus também se manifesta no ato do aborto, pois, para a doutrina cristã, o aborto é considerado pecado.

A prática do aborto do texto não somente confronta a doutrina cristã, como também diminui a figura do Cardeal, sugerindo a ideia de que a vida deste não importa, por isso, deve ser abortada. O texto ainda desconstrói a figura materna, comparando a mãe do Cardeal com uma porca. A imagem da mãe é bastante significativa para o catolicismo, tendo em vista que a Virgem Maria é a mãe do Messias, sendo considerada santa, imaculada, visão que é desconstruída na obra. Essa desvalorização da imagem da santa é vista nessa passagem: "[...] foi servido um bolo de meia tonelada em forma da vagina mais gigantesca do mundo, a Nossa Senhora, e cada pêlo era um palito de chocolate" (GOUVEIA, 2008, p. 123).

A violência cultural também é expressa no texto através da associação da imagem de Jesus com o órgão genital feminino e na sátira da santa ceia, em que o "corpo de cristo" é substituído pelo de uma porca, menosprezando o sacrifício do Messias:

Na altura do coração, eles tinham um desenho do Menino Jesus dentro de um círculo de vaginas.

A porca, já fora do berço, grunhia sem parar. Estava sendo amarrada para o sacrifício. Mr., Methal se aproximou do italiano:

-Sua mãe vai ser esfaqueada e depois servida em jantar. Nós a comeremos para nos fortalecermos. Será a preliminar da Santa Ceia (GOUVEIA, 2008, p. 102, 111).

Há poucas passagens em que percebemos uma reação do Cardeal aos atos de violência cultural contra ele: "Nesse instante, em meio aos aplausos do anfitrião, o Cardeal não resistiu. Disse que era a maior heresia de que tinha conhecido e que não estava ali para comungar de pecados" (GOUVEIA, 2008, p. 106.). A reação de indignação do Cardeal aos fatos que estavam acontecendo no banquete não é decorrente às agressões verbais contra a sua pessoa, mas sim por causa das blasfêmias presentes nos sonetos lidos na festa.

Outro momento em que o Cardeal é comparado a um animal é quando ele é acorrentado e humilhado. Os convidados, entretanto, não demonstram qualquer comoção pelo

seu estado e contribuem para a cena de humilhação, pois não são obrigados a participarem do ato. A situação dos acorrentados é tão degradante que são cotejados com cachorros de rua:

Mr. Methal afastou-se da mesa dos militares. As três coleiras chegaram a suas mãos. Ele mandou atá-las ao pescoço do Cardeal, de Fronderrel e Átila Barbados. Ficaram presos na mesma mesa, enquanto os querubins jogavam porções de ração para eles. Trouxeram também os miúdos e as peles da porca. Os demais convidados foram convidados a jogar os restos da suína para os três encoleirados.

Quando retornei ao palco, os três cachorros estavam em situação deprimente. Os seguranças trouxeram latas de lixo com um fedor horrendo. Uns pedacinhos de carne foram jogados dentro da lata. Com a boca e as patas dianteiras, mas impedidos pelas coleiras, os três tentavam pegar a comida.

Enquanto eles tentavam pegar os pedacinhos de carne, que tinha a forma do coração de Jesus [...] (GOUVEIA, 2008, p. 115-116).

Dando continuidade com às práticas de violência cultural, Mr. Methal força o Cardeal a pecar, ordenando que este quebre seu voto de castidade, por meio de uma prática tão repudiada pela Igreja como pela sociedade em que vivemos: o estupro, uma violência criminal. Como forma de chocar ainda mais, o estupro seria praticado em feiras, agravando as ações do padre. Além disso, ironiza, ao afirmar que o padre cometerá tais pecados conforme a sua vontade: "As hóstias já estão prontas, preparadas lá dentro, no local mais secreto do meu casebre, por freiras que serão estupradas espontaneamente por Vossa Santidade" (GOUVEIA, 2008, p. 117.). Como não fosse suficiente, o Mr. Methal queria forçar o Cardeal a beijar a boca das crianças, e a resistência tem consequências violentas: "[...] os querubins fizeram fila para beijarem a boca do Cardeal e ele resistiu. Acabou sendo mais arrojado nas três coleiras e mantido de boca aberta" (GOUVEIA, 2008, p. 125).

3.2 A ironia e a blasfêmia usadas como artifício da violência religiosa

Identificamos a violência religiosa como uma subcategoria de violência cultural, baseada na discriminação da crença religiosa. A ironia do conto é voltada para a sátira, ridicularizando a crença cristã, fazendo menção, em tom de zombaria, de versículos bíblicos:

- Caros presentes, não adianta falar a língua dos anjos e dos homens, se não praticamos o amor.

O Cardeal italiano, ao meu ver, foi o primeiro a desconfiar do tom sarcástico do Zelador, que apenas lia um papel da autoria de Mr. Methal [...] (GOUVEIA, 2008, p. 102).

Até o próprio nome do livro, em que o conto está inserido, "*Santíssimas Trevas*", é uma ironia, porque geralmente o termo "trevas", na Bíblia, refere-se ao negativo, como sinônimo do mal. Aquele que comete pecado anda nas trevas. Biblicamente o reino das trevas refere-se ao demônio, o inimigo de Deus:

O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más.
Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras (Jó, 3:19).

O santo está relacionado com a luz: quem tem luz não tem trevas. São termos antagônicos, e a expressão "Santíssimas Trevas" é uma ironia, não somente como nome da obra, como também um poema presente no conto.

O conto faz menção a um dos evangelhos de forma distorcida, satirizando a figura de Deus:

"MATEUS, 10:34

Ergo a espada pro céu e, blenorrágico,
Sangro o reto divino e como Deus.
Como Deus é o mais nobre dos ateus,
Perdoará meu pênis teofágico" (GOUVEIA, 2008, p. 103).

Nesta passagem, percebemos outro tipo de violência, a sexual. A cena sugere o estupro de Deus, por uma prática que, pela Igreja, é considerada perversão sexual, o sexo anal, que é relacionado com o homossexualismo, tido como pecado para a religião cristã. A descrição do ato sexual seria de forma tão violenta a ponto de sangrar, fazendo referência a agressão física. Além disso, há a violência na intenção de transmitir a doença sexualmente transmissível -*blenorrágico*. Há também menção ao sexo oral, de maneira a ridicularizar um rito sagrado para os cristãos, a santa ceia, que é a prática de comer e beber simbolicamente o corpo sagrado de Cristo. A sátira da santa ceia é feita pela troca do corpo de Cristo pelo pênis.

Assim como a ironia, a blasfêmia religiosa está presente em grande parte do texto, que também é um tipo de violência, a verbal. Segundo Miklos (2013), etimologicamente blasfêmia deriva do latim eclesiástico, mas tem sua origem no grego e significa (*blaptein* = ferir, danificar; *pheme* = reputação). O termo não se usa somente no meio religioso, podendo ser utilizado em diversas circunstâncias. A autora conceitua blasfêmia como: "Seria um termo de mau augúrio, de desrespeito tanto a um homem (sobretudo aos que exercem um determinado poder) quanto a um Deus e tudo que está em seu entorno" (MIKLOS, 2013).

O desrespeito a Deus é uma prática reiterada do Mr. Methal durante o banquete. O anfitrião inverte as características de Deus, modificando as escrituras sagradas. Além disso, Methal afirma que Deus é pecador, e por isso todos podem pecar, já que somos a imagem e a semelhança de Deus.

Miklos (2013) cita o modelo de compreensão do objeto blasfêmia, conforme Jeanne Favret-Saada, em que para haver a blasfêmia é necessário ter acusador/acusado. No que tange à obra estudada, Mr. Methal seria o acusador e Deus o acusado:

A moderação é um pecado mortal. Deus nunca foi moderado. Como imagens dele, devemos pecar até o último segundo da vida eterna! Como semelhança dele, temos que corromper o céu com o hálito do Inferno! Viva o Inferno!
 Todos gritam:
 - Viva o Inferno! (GOUVEIA, 2008, p. 122).

Ao acusar Deus de pecador, Methal desmistifica a imagem de divindade perfeita. Se nem Deus é perfeito, nós não seremos. Confronta Deus com a glorificação ao inferno, que é iniciado por letras maiúsculas, conferindo grandeza para o termo, e ainda incentivando os convidados a fazer o mesmo.

Mr. Methal usa de releituras bíblicas para blasfemar contra Deus e humilhar o padre: "Mr. Methal, como o homem mais humilde do mundo, lavou os pés deles e de todos os presentes. Apenas o Cardeal foi poupado, por causa das patas" (GOUVEIA, 2008, p. 120). A cena é a imitação da de Jesus que lava os pés dos discípulos: "Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés dos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingindo" (Jo 13: 5).

Mais uma vez a ironia está presente no texto, ao atribuir o adjetivo de humilde ao anfitrião. Methal não é humilde em nenhum aspecto. Primeiramente, não é humilde no sentido de ser desprovido economicamente, já que é um homem rico; nem era humilde no sentido de bom, pois seus atos sempre envolvem a violência; muito menos é humilde no sentido de obediência a Deus, apresentando um absoluto destemor a Deus

Mr. Methal sempre condena e acusa Deus e exalta o inimigo do divino, blasfemando ainda mais contra os cristãos: "[...] Diante do que os cristãos fizeram pelo mundo, Lúcifer deveria ser coroado de flores e seu coração ser beijado por mil crianças puras" (GOUVEIA, 2008, p. 125). Methal justifica a glorificação a Lúcifer por meio dos atos de violência que os cristãos cometeram, culpando Deus pelas atitudes descomedidas dos homens. Dessa forma, se Lúcifer é descrito bíblicamente como mau, Deus pior, porque, em sua visão, não chega nem perto das atrocidades de Deus.

Mais adiante no conto, observamos que o prato principal do banquete é o resto de comida tirada da boca dos mendigos, caracterizados de forma mais desprezível:

Os mendigos começaram a devorar as mesas. Estavam imundos, com o perfume concentrado de carniça, como se saíssem de esôfagos de milhões de abutres. Suas unhas eram rigorosamente deformadas, pretas e oleosas. Seus rostos, envelhecidos de carência e desgaste da pele, ficavam mais grotescos à medida que riam e mastigavam as comidas e conversavam naturalmente com os outros (GOUVEIA, 2008, p. 126).

O próprio Methal se encarrega de coletar o resto de comida da boca dos mendigos, e colocou em um prato. Quem comesse ganharia um milhão do anfitrião. Methal menospreza Deus, comparando o corpo deste com o prato que contém noventa e nove gramas de resto de comida coalhado e de cuspe, e mais uma vez blasfema contra Deus:

- Esta saliva coletiva é o verdadeiro fundamento de Deus. Aqui está a pobreza, a humildade, a nossa salvação.
Ergue o prato e disse:
-Tomai e comei. Um milhão para quem comer o corpo de Deus!
(GOUVEIA, 2008, p. 126).

3.3 A VIOLÊNCIA E PRECONCEITO SOCIAL, RACIAL E GÊNÊRO

Ultimamente tem se discutido bastante sobre a questão das minorias, em duas vertentes interpretativas. A primeira entende o fato como um grupo ou pessoa numericamente inferior, sofrendo tratamentos discriminatórios. A segunda não se baseia em um critério numérico, compreendendo a posição subjugada em relação ao poder, podendo ser de minorias de etnia, sexo e condição social. No conto "A Magia dos Excessos" há os três tipos de minorias, representadas pela mulher. As mulheres do conto são negras e pobres: "Todos esperavam pela porca que ia ser servida ao Cardeal, quando chegaram as nove mulheres grávidas. Eram paupérrimas, negras, sem um único dente, descalças, feridas pelos pés e marcas de violência em todo o corpo" (GOUVEIA, 2008, p. 124). A violência física contra as mulheres é bastante nítida na citação, pois elas possuem marcas no corpo.

A violência de gênero está relacionada aos valores sociais de dominação masculina que é perpetuada em nossa sociedade, reproduzindo formas de subjugação feminina por razões solidificadas em nossa cultura. Dessa forma, consideramos a violência de gênero como uma forma da violência simbólica, conforme o conceito proposto por Bourdieu.

Apesar de se discutir bastante sobre a independência feminina na sociedade, ainda há muita diferenciação quanto aos papéis sociais da mulher e do homem.

Observemos a colocação de Santos e Izumino (2005, p. 3):

[...] Chauí concebe violência contra as mulheres como resultado de uma ideologia de dominação masculina que é reproduzida e reproduzida tanto por homens como por mulheres. A autora define violência como uma ação que transforma diferenças em desigualdades hierárquicas com o fim de dominador, explorar e oprimir. A ação violenta trata o ser dominado como "objeto" e não como sujeito, o qual é silenciado e se torna objeto"

No conto, as mulheres são usadas como coisas, para satisfazer os excessos do Mr. Methal. Sem nenhuma demonstração de piedade, ele submete as mulheres grávidas a humilhações, deixando-as nuas na frente de todos os convidados: "Ordenou que elas ficassem nuas" (GOUVEIA, 2008, p. 124). O corpo da mulher é utilizado como justificativa para as desigualdades entre homem e mulher:

[...] a violência contra as mulheres resulta, segundo Chauí, de uma ideologia que define a condição "feminina" como inferior à condição "masculina". As diferenças entre o feminino e o masculino são transformadas em desigualdades hierárquicas através de discursos masculinos sobre a mulher, os quais incidem em especificamente sobre o corpo da mulher (SANTOS; IZUMINO, 2005, p.3).

No conto, as mulheres são violadas sexualmente por crianças, em obediência às ordens do anfitrião:

[...] os nove querubins se posicionaram em frente a cada uma das grávidas. Enfiaram delicadamente um dedo, depois vários dedos, na vagina delas [...] elas ficaram no chão, de pernas abertas, e eles começaram a sugá-las sem piedade. O líquido das miseráveis era acumulado na boca dos querubins, que seguiam compassos simétricos, e depois cuspidos no rosto do Cardeal (GOUVEIA, 2008, p. 124).

As mulheres sofrem a violência publicamente, sem nenhum tipo de clemência. O estado das mulheres é tão deplorável que são chamadas de miseráveis. Não há nenhuma reação dos convidados da festa, na tentativa de cessar todas as práticas de violência, e também não há reação das mulheres, nem o texto mostra o sentimento delas em relação às agressões.

As mulheres são forçadas a abortar: "[...] Mr. Methal mandou que enviassem as negras grávidas para a equipe médica, em um dos cômodos da mansão, e logo depois trouxessem os embriões em caudas para testar a fé do filho de Deus" (GOUVEIA, 2008, p.

125). Como não bastassem serem mulheres, negras e pobres, Methal priva-as de serem mães. A violência do anfitrião contra as mulheres é uma forma de humilhar o padre e desprezar Deus.

Neste tópico, a relação ente violência e poder é bastante nítida, pois Methal tem poder sobre as mulheres pobres, por ser um homem que tem uma elevada condição econômica, e a usa como instrumento para praticar seus atos violentos.

3.4 PEDOFILIA: OS QUERUBINS

No conto “A magia dos excessos”, quem abre o banquete junto com o anfitrião são os meninos, chamados ironicamente de querubins pelo narrador. Ironicamente porque querubim faz referência a um ser santo e imaculado, mas no conto a única relação dos meninos com os querubins é a roupa branca. Todavia, esta relação é parcial, porque na roupa alva, que sugere santidade, há o profano, a imagem de Jesus dentro de vaginas:

[...] arrodado de um coro de querubins: eram seis meninos com roupas angelicais, cada qual com uma harpa na mão. Na altura do coração, eles tinham um desenho do Menino Jesus dentro de córculo de vaginas (GOUVEIA, 2008, p. 102)

Não há, no conto, nenhuma referência quanto a consciência dos meninos em relação às atitudes que praticam, no caso, a blasfêmia, já que só obedecem às ordens do Methal: "Estavam atentos para qualquer ordem de seu mestre" (GOUVEIA, 2008, p. 102). Além disso, a idade de alguns confirma que as crianças não sabem o que fazem: "Nesse momento, mais três querubins, com mais ou menos três anos, harpinhas de brinquedo nas mãos, entraram no palco" (GOUVEIA, 2008, p. 108).

Os meninos são explorados por Mr. Methal, usados como uma forma de diversão para o anfitrião. Através dos meninos, humilham o Cardeal: "[...] os nove querubins se posicionaram em frente de cada uma das grávidas. Enfiaram delicadamente um dedo, depois vários dedos, na vagina delas e foram limpar na roupa do Cardeal" (GOUVEIA, 2008, p. 108).

Antes de os meninos estarem sob a tutela do Mr. Methal, já eram vítimas de violência:

- Esses meninos eram meninos de rua. Foram tirados da promiscuidade pelo filantropo que a imprensa tanto persegue

- Esses meninos, em sua experiência neste mundo perverso, foram estuprados nas ruas e depois nas casas de recuperação. Quando eu os tirei de lá, submeti-os à minha equipe médica, formada pelo finado Dr. Joseph Mengele - que Deus o tenha -, e eles foram operados. Hoje, o diâmetro do ânus deles é o de uma furada de agulha (GOUVEIA, 2008, p. 123-124).

Com Mr. Methal, os meninos ainda continuam sofrendo violência na forma de exploração, por serem tratados como meio de diversão de Methal. Em relação a isso, temos uma grande questão: antes os meninos sofriam violência, não tendo moradia, comida. Com Methal, as crianças, apesar de sofrerem violência, possuem, de certa forma, uma vida "melhor" que a de antes, porém o benefício não justifica a violência.

4 ANÁLISE TEXTUAL DO CONTO “O PERFUME DE ROBERTA”

4.1 O DESEJO DO INCESTO

Como já foi mencionado anteriormente, o conto “O perfume de Roberta” integra o livro homônimo, do contista Rinaldo de Fernandes. O conto é narrado em primeira pessoa, por um narrador-personagem. Ambientado em São Paulo, o conto descreve a rotina oculta de um homem de classe média que, toda quarta-feira, durante a madrugada, sai de casa com o perfume e a roupa da filha Roberta, para colocá-los em uma menina de rua, com a qual ele vive uma aventura sexual extraconjugal.

No conto não é revelado o nome do homem, mas sabemos que ele é advogado e funcionário da prefeitura. A ocultação do nome do personagem principal tem relação com o seu segredo. É como uma forma de se esconder: não saber o nome significa não saber o segredo. O homem tem um pseudônimo, Pedro, e é assim que ele se apresenta para Ana Rita, a garota de dezessete anos, e ele tem quarenta e seis.

O fato do advogado pegar as roupas e o perfume da filha e colocá-los em Ana Rita revela o desejo do incesto, ou seja, Pedro tem desejos sexuais pela filha, mas ele tem a consciência de que o seu desejo é proibido. Em nossa sociedade, relações sexuais entre pai e filha são vistas de forma negativa.

Segundo o argumento apresentado por Pereira (2009), consideramos o desejo do incesto como uma perversão sexual, porque o sexo no conto não tem a finalidade de preservação da espécie, nem afetiva. Mas como esta ideia de que o objetivo da relação sexual teria o único fim de perpetuar a humanidade já é uma concepção bastante retrógrada, analisemos o conto a partir do conceito apresentado por Mannocci (1995). Para este autor, perversão sexual é um desvio sexual.

A sociedade e a cultura determinarão o que deve ser ou não desvio sexual, ou seja, a moral de cada época classificará o que venha a ser desvio sexual: "O conceito de ‘desvio sexual’ é variável, com o tempo, local e cultura" (MANNOCCHI, 1995, p. 30).

Dessa forma, avaliamos o desejo do incesto como uma perversão sexual, considerando a inserção dos valores do conto com a nossa sociedade atual.

O caso extraconjugal, no conto, não é somente uma traição, pois revela um desejo que perturba o personagem principal. Mesmo sendo uma prática sair todas as quartas de madrugada, o homem procede como um criminoso, sente-se ansioso e nervoso, agindo com desconfiança, sempre temendo:

Eu tremo, sempre fico assim quando venho.
 Ela fica observando as luzes laranjas do painel do carro, de vez em quando me olha de lado. Eu tremo.
 Ela sai do banho nua, cabelos molhados parecendo os de Roberta quando mais nova. As coxas brilham à luz amarela do box. Eu tremo (FERNANDES, 2005, p. 108-110).

O homem sempre faz a associação de Ana Rita com Roberta. O perfume e a roupa da filha são formas de aguçar a imaginação do advogado. Ao estar com a menina de rua, ele faz uma transferência e imagina que está com a filha Roberta.

A violência do conto não está apenas no desvio sexual do desejo do incesto, pois também há a violência simbólica, porque o homem utiliza sua condição econômica para dominar a garota. Ana Rita faz o que Pedro quer:

Paro em frente ao depósito, meto a mão embaixo do banco, apanho o pacote com o casaco, a calça e o perfume de Roberta. Passo-lhe o pacote, ela desce calada do carro, caminha na direção do depósito, vai para trás de uma parede. Fico observando pelo retrovisor se aparece alguém. Em poucos minutos ela surge da penumbra, vestida na roupa que eu trouxe, a que estava usando no saco. Entra no carro, o franco de perfume no bolso do casaco. Ela fica bem nessa roupa de Roberta.
 Ela já se habituou a todo final de noite me devolver a roupa e o perfume de minha filha (FERNANDES, 2005, p. 109, 113).

Vemos que a jovem não faz nenhuma indagação sobre a razão de colocar aquelas roupas e passar o perfume. Isto porque Ana Rita faz o que o homem quer, em troca de comida. Ela vende o seu sexo para não passar fome e isto é uma violência simbólica.

Apesar de a jovem trocar de roupa e passar em si o perfume que o homem traz, há um momento no conto em que Ana Rita recusa a vontade de Pedro:

[...] aqui no motel, depois que ela se banha e se perfuma, agarro-a com firmeza, levo-a para a cama, ela se debatendo, agora não, vamos esperar o..., eu atropelo as palavras dela, eu me tremendo e derrubando-a no colchão [...] ela volta a se debater, fechando os braços, agora não, mas eu forço, não, puxo-lhe os braços e já estou destro dela, gemendo, beijando a sua pele perfumada, agora não, espera [...] (FERNANDES, 2005, p. 112).

Enquanto o advogado pensa em satisfazer seus desejos sexuais, ela só pensa em saciar a fome. É uma relação sexual trocada por um prato de comida. Ambas são duas necessidades básicas do ser humano. A da garota, entretanto, é uma carência social:

E, vendo as coxas dela com algumas gotas, eu sinto novamente vontade e me encosto outra vez em Ana Rita, me debruço sobre o seu corpo, ela comendo

com sabor, eu tomando-a pelo busto, ela mordendo o frango, eu já duro, roçando-me nas costas dela, ela dizendo espera aí, deixa eu comer primeiro, eu lambuzando-a com o meu líquido, outra vez a vontade doida, ela metendo o tomate na boca, eu me dobrando [...] Ana Rita mastigando e eu me enfiando embaixo dela, ela mastigando e já sentada em mim e eu penetrando [...] (FERNADES, 2005, p.113).

A miséria da jovem apresenta-se como uma violência simbólica institucionalizada. A forma como Ana Rita vai saciando a fome é descrita de forma muito violenta. Ao mesmo tempo em que come, a jovem está sendo "comida", pejorativamente falando, sendo usada como um objeto de desejo.

No conto não há somente a violência simbólica, como também a violência infanto-juvenil. Mesmo sendo menor de idade, a garota é negligenciada pelos pais e instituições. Além disso, Ana Rita sofre a exploração sexual.

Podemos pensar que um prato de comida é um valor insignificante para ser uma moeda de troca, porém, no caso da jovem, o prato de comida é algo essencial, já que é uma garota de rua:

No farol, vou para o outro lado da rua, ando por baixo do Minhocão. Vou passando pelos corpos deitados no chão, os cobertores arroxeados, um pé de fora com nódoas. Confiro dez corpos nesse trecho. Lá na frente, na coluna com o olho desenhado com tinta preta, é onde ela costuma ficar. As duas criaturas de sempre - duas velhas de cabelos duros, empoeirados - estão ali perto dela. Já disse para ela ficar adiante, na parte mais clara e sem ninguém, tanto lugar mais apropriado na cidade. Ela falou que só fica agrupada (FERNADES, 2005, p. 108).

Nesta citação, a violência simbólica é representada pela miséria e a fome das pessoas que moram na rua: "[...] a violência simbólica - despercebida [...] expressa-se, nos hábitos, ao reproduzir uma violência institucionalizada na miséria, na fome, na seca, no frio etc. (ARAÚJO, 2004, p. 104). O sofrimento das pessoas que moram na rua é evidenciado na cena a partir da descrição das características físicas: "pés com nódoas", "cabelos duros, empoeirados", mostrando que os mendigos não têm acesso a direitos fundamentais, vivendo em condições péssimas de higiene. Além disso, vemos a realidade da violência que os moradores de rua enfrentam, tendo que dormir em grupo para se protegerem, porque sabe-se que vários moradores de rua são vítimas de violência, principalmente na cidade de São Paulo.

A relação entre Ana Rita e Pedro não demonstra nenhum tipo de sentimento afetivo, ele só quer satisfazer os desejos sexuais, e ela, saciar a fome. Eles não conversam

muito. Quando estão juntos, fora do motel, têm uma relação fria, só falam o necessário, apresentando diálogos curtos:

- Ai, que susto! diz.

Ela tem os cabelos caindo pelo pescoço e eu tremo.

-Vamos - digo.

[...]

- Está frio, não? - digo

- Sim - ela tosse.

[...]

- Por que tu não veio na semana passada? - ela quer saber.

- Estive viajando - minto (FERNANDES, 2005, p. 108-109).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a violência, através de uma viés da literatura, percebemos que há vários tipos, e que ela se manifesta de diferentes formas, até mesmo em situações que *a priori* não são perceptíveis, como a violência simbólica.

A partir da análise do *corpus*, permitiu descobrir que a violência em cada conto é movida por motivos diferentes. A princípio, não era esta a proposta do trabalho, mas a análise conduziu a este caminho.

No conto “A magia dos excessos”, identificamos a violência cultural, aquela em que existe discriminação em detrimento da crença religiosa. Este tipo de violência é praticado por Mr. Methal para humilhar o Cardeal, que é um representante da Igreja Católica. Também há a violência infanto-juvenil, representada pelos meninos; a violência de gênero, representada pelas mulheres; e a violência física, que é descrita em várias passagens do conto. “A Magia dos excessos” apresenta diversos tipos de violência, mas só citamos as que foram mais significativas para nosso interesse.

Percebe-se que as violências praticadas por Mr. Methal têm a finalidade de atingir o Cardeal e de causar surpresa e horror nos convidados. A repulsa do Cardeal e dos convidados em relação a Methal diverte o anfitrião. A violência para este é tida como uma brincadeira. Se analisarmos a violência de Methal segundo Almeida (2010), podemos afirmar que a violência do anfitrião é uma forma de autoproteção, pois sua pulsão de morte está sendo transmitida para o mundo externo.

Diferentemente, no conto “O perfume de Roberta”, a violência é um meio pelo qual um homem realiza sua fantasia sexual, que não poderia ser realizada em condições normais.

Apesar de os dois contos apresentarem a violência, os enfoques são muitos distintos. Na narrativa “A magia dos excessos”, a violência é mais explícita; já no conto de Rinaldo de Fernandes, a violência é bem mais tácita. O primeiro conto é mais fictício e o segundo se aproxima mais da realidade, porém ambos geram desconforto, se vistos pela ótica moral em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. **Alguém para odiar**. In: Maria da Graça Blaya Almeida (Org.). A violência na sociedade contemporânea. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2014.

ARAÚJO, Marcelo José. **A violência simbólica: uma difícil percepção**. Revista Unimontes Científica. Montes Claros, v. 6 n. 2 - Jun/Dez. 2004. Disponível em: <http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/viewFile/128/125>. Acesso em: 12 nov. 2014.

ARENDDT, Hannah. **Da violência**. 1969/1970. Disponível em: <http://pavio.net/download/textos/ARENDDT%2c%20Hannah.%20Da%20Viol%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2014.

BARAZAL, Neusa Romero. **Sobre a violência e ser humano**. Revista Convenit Internacional 15 maio- ago 2014/Univ. do Porto. ISSN 1517-6975. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit15/77-86NeusaRB.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2014.

BIBLÍIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri- SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre, 1930. Sobre o poder simbólico. In: **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 2. ed. - Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL. **Violência: orientações para profissionais da atenção básica de saúde**. Caderno nº3 - maio - 2013. Disponível em: http://www5.ensp.fiocruz.br/biblioteca/dados/txt_469588428.pdf. Acesso em: 09 nov. 2014.

DIAS, Reinaldo. **Fundamentos de sociologia geral**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.

FERNANDES, Rinaldo de. O perfume de Roberta. In: **O perfume de Roberta**. Rio de Janeiro. Ed. Garamona, 2005.

GENEGRA. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre a violência e saúde**. 2002. Disponível em: http://www.academia.edu/7619294/Relat%C3%B3rio_mundial_sobre_viol%C3%Aancia_e_sa%C3%BAde. Acesso em: 10 nov. 2014.

GOUVÊA, Helton Angelo de. **Perversão sexual: proteja a si e a sua família**. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2010.

GOUVEIA, Arturo. A magia dos excessos. In: **Santíssima Trevas**. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2008.

_____. A violência do Estado. In: **Os ciclos de Mariana** (Literatura e violência pós-64 Tomo II. João Pessoa: Ideia, 2012.

LEVISKY, Davis Léo. Uma gota de esperança. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (Org.) **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2014

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MANNOCI, João Fernando. Distúrbios sexuais. In: Disfunções sexuais. São Paulo: Fundação Byk, 1995.

MARINHO, Ernande Reis. As relações de poder segundo Michel Foucault. E - Revista Facitec, v. 2, art. 2. dezembro 2008. Disponível em: <http://www.facitec.br/ojs2/index.php/erevista/article/view/7>. Acesso em: 13/12/2014.

MIKLO, Aline. **Blasfêmia e arte contemporânea: uma questão de método**. *PROA: Revista de Antropologia e Arte*, v. 1, n. 4, 2012/2013. Disponível em: <http://www.revistaproa.com.br/04/?page_id=106>. Acesso em: 04 fev. 2015.

OLIVEIRA, Jacson Caprini; MARTINS, Felipe Antunes. **As variadas facetas da violência**. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/50.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2014.

PEREIRA, Mario Eduardo Costa. **Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo**. *Rev. Latinoam. Psicopat.*, São Paulo, v. 12, n.2, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142009000200011&script=sci_arttext. Acesso em: 13 nov. 2014.

PIVA, Ângela; SEVERO, Ariane; DARIANO, Jussara. **Poder e violência: formas de subjetivação e desubjetivação**. *Contemporânea - Psicanálise e transdisciplinariade*, Porto Alegre, n. 02, abr/ maio/jun 2007. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo76.pdf>. Acesso: 13 nov. 2014.

SANTOS, Cecília. IZUMINO, Wânia Pasinato. **Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil**. *Revista E.I.A.L. Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe*, da Universidade de Tel Aviv, em 2005.

SOUSA, Rafael Benedito de. **Formas de pensar a sociedade: o conceito de *habitus*, campos e violência simbólica em Bourdieu**. *Revista ARS Historica*. ISSN 2178-244x, nº 7, jan/jun, 2014, p. 139-151. Disponível em: <http://www.historia.ufrj.br/~ars/images/7ed/artigo%20-%20rafael%20souza%20-%20formas%20de%20pensar%20a%20sociedade.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2012.

WERTHAM, Fredric. A marca da violência. São Paulo: IBRASA, 1967.

ANEXOS

Anexo A

A MAGIA DOS EXCESSOS

O general Fronderrel, horas antes de ser morto pelo bandido Colina de Prata, declarou nos jornais que Mr. Methal era um mostro. Não era apenas um ateu de coração podre, mas um destruidor de todos os valores cristãos. O capitão Átila Barbados, assassinado horas depois em sua chácara pela própria esposa, concordou com ele e fez declarações semelhantes. A repercussão foi plenamente vaga, dado que Mr. Methal já havia morrido e poucas almas em São Paulo se lembravam de seus excessos. Correm, entretanto, comentários de que ele não morreu; e aquela súpula do livro *A farsa dos milênios*, de um escritor obscuro, retrata de fato um sócio de Mr. Methal, um máscara, um coringa, não o astucioso e excêntrico milionário. Pelo que dizem, ele continua pedindo esmolas, em São Paulo, a cada dia mais esmolambado, para escapar das perseguições americanas. A ligação entre ele e Colina de Prata decorre daí, uma vez que o bandido odeia americanos e prometeu ao mundo exterminar todos eles. Não consegui, até o momento, avançar na busca da verdade. Não há nada nítido, por exemplo, sobre os motivos das declarações dos militares. Neste depoimento, não tenho intenção de invalidar a visão deles. Mas é preciso reconhecer que Mr. Methal, em suas extravagâncias, era tão demoníaco quanto genial. Eu participei, em sua mansão, de sua penúltima orgia, de sua penúltima excentricidade, que ele fazia questão de chamar, em pleno gozo, com a boca cheia de cocaína, de “Esperma Cristalizado de Lúcifer”. Naquele dia ele cometeu, rigorosamente, onze excessos, dos quais só me permito relatar três. Os outros excessos, que eu prefiro omitir, são tão extraordinários para o senso comum, que eu posso acabar cometendo o mesmo erro do escritor obscuro e confundir verdade com simulacro.

1 Da sexta à nona hora

O Cardeal Mathei Stephani Auri foi um dos primeiros a honrar o convite e chegar à mansão de Mr. Methal. Foram chegando outras autoridades, assim como supostos familiares e supostos homens comuns. Fronderrel e Átila Barbados estavam numa mesa às margens de uma das piscinas. O Senador Caio Petrônio, famoso por palitar os dentes com palitos de prata e usar papel higiênico de seda da Índia, estava entre eles. Mas ninguém era mais esperado que o dono da casa. Surgiu, meninos com roupas angelicais, cada qual com uma harpa na mão. Na altura do coração, eles tinham um desenho do Menino Jesus dentro de um círculo de vaginas.

Estavam atentos para qualquer ordem de seu mestre. Como Mr. Methal estava rouco, o Zelador da mansão tomou a frente:

- Caros presentes, não adianta falar a língua dos anjos e dos homens, se não praticarmos o amor.

O Cardeal italiano, ao meu ver, foi o primeiro a falar a desconfiar do tom sarcástico do Zelador, que apenas lia um papel da autoria de Mr. Methal:

- Esses meninos eram meninos de rua. Foram tirados da promiscuidade pelo filantropo que a imprensa tanto persegue. Estão todos aqui hoje m nova vida: educados, são músicos, eunucos e com voz de soprano inestimável. Depois de castrados, aprimoram o timbre como nunca. Eles vão cantar pra vocês um poema chamado “Santíssimas Trevas”, de um autor misterioso, que o nosso anfitrião não quer revelar, já que todos sabem que é ele mesmo.

Houve alguns segundos de risos. Apenas o Cardeal manteve o rosto sisudo.

- Antes disso, porém, observem, por favor, aquele umbral. Vocês conseguem ler o quarteto ali em cima? Se não conseguem, faço questão de recitar:

"MATEUS, 10:34

Ergo a espada pro céu e, blenorragico,

Sangro o reto divino e como Deus.

Como Deus é o mais nobre dos ateus,

Perdoará meu pênis teofágico" (GOUVEIA, 2008, p. 103).

O Cardeal mudou de expressão sensivelmente. Da indiferença forçada ao pânico, ninguém foi mais o mesmo a partir de então. O Zelador continuou:

- Os quartetos que vocês vão ouvir dessas crianças seguem a mesma linha do panegírico do umbral. O próprio Mr. Methal não entende quanta perversidade ele escreve contra Deus, quanta vontade de humilhar o Supremo, a não ser pela autonomia absoluta da arte. Pelo que diz em **Misérias preliminares**, aprendeu com Shakespeare que a palavra artística é naturalmente escatológica e catastrófica e não tem que dar satisfações éticas à realidade.

Ordenou os meninos em cena e mandou que o primeiro afinasse a harpa. O querubim, em sintonia perfeita com o Inferno, soltou no ar uma voz animalesca, de um grunhido primário, como se tivesse acúmulo de cânceres na garganta. Mesmo assim, a dicção saiu

nítida. Talvez o objetivo fosse o choque dos paradoxos: o grotesco da voz e da melodia com a clareza da letra:

**-“Quando eu nasci, ao fim de um longo aborto,
Deus me escarrou do Cosmo para o Caos.
Incontáveis milhões de seres maus
De mim fizeram um ser que é vivo-morto.**

**Esfacelo-me aborto após aborto,
Contamino micróbios e os espaços,
Reduzo pai e mãe a mil pedaços
E às imortalidades de um ser morto.**

**Nesses abortos eu me desconcentro
Com furos aos milhões nos olhos meus:
São os óvulos pútridos de Deus
E cada qual com Lúcifer por dentro”.**

Quando Mr. Methal aplaudiu, quase todos o seguiram. Minha função era observar o Cardeal e as contorções de seu rosto, para concluir a minha peça. O segundo querubim, alisando a harpa e as vaginas desenhadas na roupa, não perdeu uma só vez a cadência e a harmonia. Aproximou-se dos milhares e cantou:

**-“O Orbe, a urbe, os úteros dantescos
E as galáxias podres que me cercam,
Antes que se dissolvam e que me percam,
Têm comigo indeléveis parentescos.**

**Que farei ao chegar ao Céu um dia
E contemplar o Parasita Eterno?
Terei que ver se o Monstro ainda é terno
Para me libertar da covardia.**

Quando eu pisar no céu, a Podre Esfera

**Vou vingar-me de quem ‘stá lá no teto,
Socar escorpiões no íntimo reto
Daquele Que os criou e os prolifera”**

Stephani Auri insinuou, com olhar irritado, que iria abandonar a festa de confraternização. Outros, a meu lado, protestavam contra a suposta autoria do poema, já que Mr. Methal não teria destreza para decassílabos tão perfeitos. Outros protestavam contra decassílabos tão imperfeitos. Um pequeno tumulto se insinuou entre as vozes. Nada disso intimidou o terceiro eunuco. Cortando com faca o desenho de sua roupa, e dizendo que era um estupro metálico no Menino Jesus, ele cantou:

**-“Chupar-lhe as carnes cruas e sebosas,
Gargarejar o pus com que me puno,
Vomitare mil flagelos do Deus Uno
Nas gargantas das ténias ansiosas.**

**Beijar Deus e morder chaga por chaga
Do corpo mais profano dos profanos,
Promiscuir-me e iniquificar-me entre os humanos
Que um dia desejaram-lhe uma adaga.**

**Injetar-lhe nos olhos ratazanas,
Arranhar-lhes as pupilas com vis patas,
Derramar o Seu corpo em podres latas,
Proporcionar-lhes sensações insanas”.**

Nesses instante, em meio aos aplausos do anfitrião, o Cardeal não resistiu. Disse que era a maior heresia de que tinha conhecimento e que não estava ali para comungar de pecados, Mr. Methal, mesmo rouco, repeliu a tese do italiano:

-Heresia, Cardeal? Ao contrário: é uma glorificação do Senhor. Por que tantas negativas? Tudo isso é ficção, brotada da fantasia das crianças. Afinal, Deus não tem corpo. Muito menos espírito.

O Cardeal tentou replicar, mas Mr. Methal lhe lembrou a misteriosa morte de João Paulo Primeiro. Foi o suficiente para o religioso se calar. O silêncio forçado, como um túmulo

de segredos diabólicos, foi seguido de episódio mais humilhante. O quarto querubim aproximou-se do Cardeal, ficou a pucos dedos de um dos seus ouvidos e gritou:

**-“Fazê-Lo uivar como mil lobisomens
Que se rasgam e destroem as próprias levas,
Encarcerá-lo nas eternas trevas
Que Ele usou para encarcerar os homens.**

**Converter os Seus anjos em dementes,
Encher-lhe a boca com hóstias de baratas
Preparadas por freiras inocentes.
Salpicar-lhe floretes nas feridas,
Despejar-Lhe nos poros tapurus,
Abrir-lhe o cérebro para urubus
Que O destroem e O rasguem com mordidas”.**

O quinto dirigiu-se ao outro ouvido do Cardeal, com gritos mais irracionais e bruscos:

**-“Extinguir da memória Suas sagas,
Dar-lhe na boca o que o porco expele,
Multiplicar-lhe as úlceras na pele
E os cães piedosos que lhe lambem as chagas.**

**Envolvê-lo em porções tuberculosas
Das poeiras de todos os planetas,
Encaixar-lhes as gengivas sobre as tetas
Das mais vis e mais célebres leprosas.**

**Ordenar nos infernos que Ele entre
E mergulhe nos poços abissais
Onde milhões de vermes, canibais,
Vão sugar fibra de Seu ventre”.**

Talvez para não perder a seqüência e a exatidão dos danos, o último querubim ficou face a face com o Cardeal. E gritou com a voz inofensiva, como a de um anjo recém-chegado à paz celestial:

-“Pedir ao Traidor umas ajudas

**Pra maquiá-lhe as faces com excrementos,
Deixar-lhe os lábios com mil fios sangrentos
Em que escorrem as penúrias mais agudas.**

**Fuzilá-Lo de pus dos pés ao crânio,
Envernizá-lo com excreções de Jó,
Reduzi-lo, por fim, a qualquer pó,
Incendiar-lhe o Espírito com urânio.**

**Quero tudo da sexta à nona hora,
Da nona hora para um tempo incerto,
De um tempo incerto a outro tempo incerto,
Num interminável e perpétuo agora”**

Com o fim do recital, em meio aos aplausos entusiásticos, todos os querubins abraçaram o Cardeal e o encheram de beijos. Beijaram suas mãos e perguntaram em coro:

-Por que João Paulo Primeiro só durou trinta e três dias?

A gargalhada, iniciada por Caio Petrônio, foi geral.

Nesse momento, mais três querubins, com mais ou menos três nos, harpinhas de brinquedo na mão, entraram no palco. Foram aplaudidos por Mr. Methal e todo o seu séquito. Aproveitei a distração dos aplausos e dos risos para ir a um dos banheiros da mansão. Pedi orientação a um dos seguranças a segui. Notei, em um dos corredores, que geravam outros corredores, uma luz solitária acesa em um gabinete. Me atrevi a abrir a porta. Dentro, estava um escritor tentando concluir uns textos. Quando me viu, ficou assombrado:

-Diga a ele que ainda não terminei. Mas é questão de minutos. Não precisa mandar mais seguranças aqui.

-Desculpe, senhor, mas eu não sou segurança.

Ele estava concentrado:

-Veja bem, Mr. Methal me paga para eu fazer os textos dele. Ele quer que eu escreva dois sonetos para humilhar o Cardeal. Você estava lá no palco? Todo o objetivo dessa festa é humilhar o Cardeal. Por que você acha que os poemas giram em torno do aborto? Esse homem aí, Sthephani Auri, foi quem mais fez a cabeça de João Paulo Segundo contra a prática do aborto. E Mr. Methal tem verdadeiras fábricas de aborto. Por isso, o Cardeal é um convidado especial. Mr. Methal sabe de todo o envolvimento dele na morte de João Paulo Primeiro. Pelo menos é o que ele diz em **Misérias preliminares**. Já leu?

-Quem escreveu **Misérias preliminares**?

O escritor estava muito nervoso:

-Veja bem... Ele quer que eu termine uma pequena peça em que o Cardeal será abortado em um berço por uma porca. A porca já entrou no palco? Pois os nove querubins vão abrir a porca com a faca e arrancar o Cardeal de dentro dela. Eu já consegui concluir um dos sonetos, mas o outro... Ouça, por favor:

DESCRIANÇA

**Começaste a nascer, anjinho, imerso
Em sangue, em pus, em vísceras errantes.
Quisera crer no Credo, como dantes,
Pra restaurar tua alma no meu terço.**

**Hoje no mundo constituís 1/3
A usufruir misérias abundantes.
Ninguém quer teus chorinhos ignorantes
E Herodes já descansa no teu berço.**

**Neste espírito implume tu já levas
Crânio recém-nascidos nas estradas,
Vaginas de nove anos já lascivas...**

**Vieste à luz no limiar das trevas
E as moscas já te esperam nas calçadas
Para prostituir tuas gengivas.**

Senti um calafrio por todo o corpo. O soneto era, em todas as letras, exatamente o mesmo que eu estava imaginando lá fora, enquanto observava as contorções do Cardeal.

- Quem é você?

- Vejam bem... Por favor, me ajudem, Mr. Methal poderá me matar. O segundo soneto, que se chama exatamente “Aborto”, eu não consigo terminar. Os tercetos estão prontos, apesar de todos os defeitos. Mas os quartetos não saem... Leia, por favor, e me ajude.

Peguei o papel. As primeiras linhas estavam caóticas, entravas, sem a menos influência. Da nona linha em diante, começava a expressão. Era o diálogo de uma voz cínico-realista com um feto destroçado e jogado nas sarjetas do Vaticano:

**“Surfas agora sobre lamas toscas
Com lixos, cuspes, restos de jantares
-Fé nenhuma no mundo te restaura!**

**O teu Anjo da Guarda só tem moscas
E até no céu, se um dia lá chegares,
Deus prostituirá a tua aura!”**

Por um momento, com o olhar um pouco distante, ele indagou:

- Quem é você?

Em tom agressivo, eu devolvi a pergunta:

- Quem é você?

Ele respondeu com serenidade:

-Meu nome é AG, autor da peça “A magia dos excessos”. Mr. Methal quer que eu conceba os nove querubins como Musas decaídas, prostituídas, se possível desdentadas. Quer que toda a simbólica do texto gire em torno dos números seis e nove. Me ordenou que eu fizesse tudo até as nove horas da noite, senão eu serei morto por um dos seus guardas. Disse que cada menino tem que ter na parte de trás da roupa o número 2745, que nem sei o que é. Estou inventando o que posso e só agora vou colocar o número nos meninos. O que está se passando lá fora ainda não é a peça, mas apenas um ensaio. O cardeal que está lá é um ator vulgar. Stephani Auri ainda vai chegar. Por isso estou correndo. Como se vê, é mais uma peça que eu escrevo por encomenda. Não tem qualquer valor literário.

Tomado de pavor, corri para a área aberta da mansão. O cardeal já estava no berço, recém-arrancado de dentro da porca, todo coalhado o sangue. Seu cordão umbilical ainda não

tinha sido cortado. A mãe dele roncava de dor. Herodes, o menor dos querubins, aproximou-se do Cardeal recém-nascido, ergueu uma faca e perguntou:

- Por que João Paulo primeiro só durou trinta e três dias?

A gargalhada, iniciada por Caio Petrônio, foi geral.

2. As ligações de Shakespeare

As roupas do Cardeal, subjulgadas e infectadas de vísceras, causavam terror e compaixão. As gargalhadas do Senador e dos militares não paravam. Mas algumas pessoas ficaram afetadas com a situação do líder religioso. A porca, já fora do berço, grunhia sem parar. Estava sendo amarrada para o sacrifício. Mr. Methal se aproximou do italiano:

- Sua mãe vai ser esfaqueada e depois servida em jantar. Nós a comeremos para nos fortalecermos. Será a preliminar da Santa Ceia. O senhor, com todo respeito, será o primeiro a provar.

Notou a indiferença do Cardeal e o repreendeu:

- Sua mãe vai ser morta, em breve será parte do nosso sangue. Uma porção será guardada para o Papa, E o senhor não derrama uma lágrima?

Pediu a todos que aplaudissem o sangue de barata do Cardeal:

- Palmas! Eu quero palmas para o primogênito da porca!

Stephani Auri, aterrorizado, não tinha coragem de mover um lábio. Nesse momento, um dos antológicos da minha peça, a cena foi cortada por um mensageiro da Dinamarca. Trazia, num telefone sem fio, uma notícia drástica para Mr. Methal:

- Sim, ele mesmo. Sim, mas... o quê? Um copo de veneno? Logo Gertrudes? E por que ela não prestou atenção? No meio de uma luta? Então todos morrerão envenenados! É isso?

Mandou que recolhessem todos os copos da festa e os jogassem na primeira piscina. Os copos de dentro da mansão também foram recolhidos, Vários seguranças correram para as bordas da piscina com tambores. Era ácido sulfúrico, que arrancava fumaça das águas.

- Todos esses copos podem estar envenenados. Um homem maldito, que matou o próprio irmão, deve ter planejado tudo. A esposa dele acaba de morrer. Por puro engano: foi beber água em uma taça, sem saber que continha veneno. Eu peço um minuto de silêncio para a rainha,

No meio do silêncio, o telefone tocou. Era uma notícia ainda mais drástica:

- Logo o general?

Notei Fronderrel e Bargados se entreolhando.

- O quê? Repita, por favor. Vinte e três facadas? E por que ele não levou nenhum segurança? Traído? Até o afilhado estava na trama? Todos têm que ser punidos, senão Roma vai virar um caos e teremos outra guerra civil.

Stephani Auri não se tocou com as palavras do anfitrião. Continuava no mesmo silêncio, de cabeça baixa, talvez em meditação. Os braços ensangüentados, o rosto ensanguentado, o cordão umbilical preso na roupa, nada mais o tocou. Mr. Methal pediu um minuto de silêncio para Júlio César:

- Triste daquele que acredita em algum afilhado ou amigo. Os afilhados ou amigos podem ser os mais brutos.

Um terceiro telefonema trouxe um notícia ainda mais drástica:

- O quê? Um general se passa por isso?

Mr. Methal foi se aproximando da mesa de Fronderrel.

- Pois ele deve ser executado! E já! O quê? Repita, por favor. Ele mesmo...? Ah, pelo menos foi uma questão de honra. O suicídio nem sempre é um pecado. Se ele estrangulou a esposa, ainda mais por engano, fez bem em se matar. Não há general que não termine assim.

Desligou o telefone com lágrimas nos olhos. Todos correram de suas mesas para verem Mr. Methal chorar. Era algo assim como o encanto de um milagre, a magia de algum excesso, alguma coisa que as palavras não ditam. Fizeram uma roda em torno dele, os nove querubins também não se contiveram. Fronderrel, a meu ver, tinha a sensação de ridículo com as lágrimas de Mr. Methal caindo em sua farda.

- Estou chorando por Otelo, não por Desdêmona. Sem Otelo, uma outra frota turca poderá invadir Chipre, tomar o sul da Itália e destruir a civilização cristã. Pelo relato do Doge, Brabâncio também está morto. Corremos o risco de ficar sem autoridades para manter os nossos valores éticos.

O telefone voltou a soar. Pela a reação de Mr. Methal, que o jogou brutalmente no chão, a notícia era ainda mais drástica. Vários seguranças correram para dentro da mansão e pegaram outros telefones sem fio. Mr. Methal pegou um deles e gritou:

- E quem mandou ele se meter nisso? Ele não tem nenhuma origem nobre! Ele não passa de um general plebeu! Banquo e Macduff são bem melhores do que aquele rasteiro! O quê? Repita, por favor. Branquo foi...? E a família de Macduff também? E onde está Macduff? Ah, agora você me deixou aliviado. Ele deve matar sem pena aquele generalzinho amamentado por uma cadela! Eu detesto generais e todos os imbecis que me cercam! Quero Macduff ainda hoje à noite aqui, depois que ele cortar Macbeth! Mande ele pegar um avião hoje mesmo. Mande ele trazer a faca. Temos aqui um Cardeal para abençoá-la. Lembre-se:

hoje mesmo aqui! Espero até as nove horas da noite. Se ele não vier, Fronderrel será executado no lugar dele!

Houve pânico instantâneo na nessa do general:

- Mr. Methal, sempre trabalhei para o senhor, mas dentro das regras da justiça. Aquele menino Oscar Tirésias, que eu torturei na base do torno, e depois enforquei, foi de acordo com seu código de ética. Colina de Prata pensa que eu me excedi e está me perseguindo. Será mais uma trama sua? Agradeço bastante a sua festa de confraternização. Tenho que ir embora.

- Embora, general? O senhor é tão escravo de minhas coleiras quanto qualquer outro aqui dentro. Colina de Prata está na sua mira. Dê um passo pra fora e comprove.

Mandou abrir o portão principal da mansão.

- Vamos, seja macho e saia! Não chegará no meio da calçada!

Mandou pegar três coleiras dentro da mansão.

Fronderrel, tão temeroso quanto o Cardeal, calou-se e voltou a sentar-se. Mr. Methal ia dar outra repreensão nele, quando o telefone tocou:

- Sim, ele mesmo. Certo. Mas eu já esperava. Ela é a única justa. As outras duas são traiçoeiras e devem mesmo destronar aquele débil mental. Ele está vindo pra cá? O quê? Repita, por favor. Não. Com sem homens não. Dia a ele que traga noventa e oito homens. Ele será o nonagésimo nono. Sim, claro que tem. Lear, o mais belo idiota da história, sempre foi dessas coisas. Ele será homenageado na Santa Ceia.

Mr. Methal afastou-se da mesa dos militares. As três coleiras chegaram a suas mãos. Ele mandou atá-las ao pescoço do Cardeal, de Fronderrel e Átila Bardados. Ficaram presos na mesma mesa, enquanto os querubins jogavam porções de ração para eles. Trouxeram também os miúdos e as peles da porca. Os demais convidados foram convidados a jogar os restos da suína para os três encoleirados, a gargalhada de Caio Petrônio logo ganhou toda a mansão. Aproveitei esse momento para ir ao gabinete do escritor:

- Você disse que toda a trama seria para humilhar o Cardeal. Os militares, entretanto, estão sendo tratados como cachorros.

Ele estava concentrado:

- Veja bem... Nem sempre temos controle do que escrevemos. Ainda mais com Mr. Methal... O senhor poderá morrer a qualquer minuto e ressuscitar em outro. Tudo o que está se passando lá é obra da imaginação. Não tem um sentido fora do meu papel. O senhor mesmo não passa de uma projeção minha. Mr. Methal tem seus excessos, pode deturpar minha escrita, mas até isso faz parte do jogo. Já notou que o tempo está completamente estúpido?

- Não tem a menor coerência o que você vem escrevendo.

- Eu me sinto como aqueles metafísicos de Tlön que não buscam a verdade nem a verossimilhança, mas apenas o assombro. Não me importa coerência alguma. No final desta peça, você vai me matar, vai aniquilar o próprio anfitrião, e todos nós escaparemos de você.

- O quê?

- Vá lá, não tenho mais tempo. Mr. Methal quer que eu parodie a nona tese de um filósofo que se suicidou em 1940. Eu não tenho a menor noção, mas vou tentar pela lógica do assombro. Veja a parte que você vai vivenciar lá fora: “Quando voltei pra porra da palhaçada lá fora, os três cachorros estavam numa situação do caralho de feia. Os porras dos guardas de merda trouxeram latas com um fedor do caralho de ruim e os três filhos da puta eram capazes de dar até o cu pra pegarem a porra da comida lá dentro”.

- Sinceramente, eu não concordo.

- Não concorda com a agressão?

- Não concordo com a linguagem. Minha filiação a Rubem Fonseca e a Plínio Marcos já se esgotou. Estou numa fase cada vez mais borgiana, mude essa linguagem para um padrão mais erudito.

Quando retornei ao palco, os três cachorros estavam em situação deprimente. Os seguranças trouxeram latas de lixo com um fedor horrendo. Uns pedacinhos de carne foram jogados dentro da lata. Com a boca e as patas dianteiras, mas impedidos pelas coleiras, os três tentavam pegar a comida.

Enquanto eles tentavam pegar os pedacinhos de carne, que tinham a forma do coração do Menino Jesus, Mr. Methal forçou o Cardeal a ler “A nona tese”. Mas o telefone forçou, com outra notícia drástica, impediu a cena:

- Sim, ele mesmo. É, é o que acontece, quando se sai da linha de Deus.

Interrompeu a ligação e disse a todos:

-Filhos do meu coração, sangue do meu sangue, lembrai-vos da lição da nona epístola de Paulo. Lembrai-vos dos castigos impostos aos traidores no nono círculo do Inferno! Lembrai-vos da nona hora, que está para chegar.

Voltou ao telefone:

- Sim, eu concordo, mas atrasa a festa. Se atrasa, não adianta. Marco Antônio não sairá ileso dessa! Vou enviar toda a minha guarda Egito atrás dele! E aquela rainha rude deverá ser fuzilada. Mas... o quê? Repita, por favor. Com uma... uma cobra? No peito? Quem matou quem das suas? Vou pedir um minuto de silêncio para a cobra. Não, não estou brincando. Tudo o que digo e faço só tem sentido literal.

Desligou o telefone. Voltou a concentrar-se no Cardeal.

- Mandeï recolher pelas ruas, Vossa Santidade, algumas mulheres grávidas. De preferência, mendigas. De preferência, negras. De preferência, doentes. Elas vão abortar aqui mesmo, na sua frente, e Vossa Santidade engolirá os fetos. Por cima dos fetos colocaremos um monte de hóstias, para dar gosto e estimular o paladar. As hóstias já estão prontas, preparadas lá dentro, no local mais secreto do meu casebre, por freiras que serão estupradas espontaneamente por Vossa Santidade. Agora leia o poema.

Quando o Cardeal ia ler “A nona tese”, o telefone tocou. Era uma notícia das mais terríveis: havia estourado uma guerra há algumas horas, por causa do rapto de uma mulher. As matanças já haviam começado. Um general sensato queria paz, mas Tróilo, o jovem mais eufórico, foi contra qualquer acordo com os invasores. Mr. Methal deu apoio a Tróilo:

- Ele deve se casar com Cressida para enraivecer ainda os inimigos. Sem extermínios a história não progride e nunca chegaremos à paz celestial. Diga a Tróilo para manter a guerra contra os gregos, ainda que sozinho.

Voltou a concentrar-se no Cardeal:

- Vossa Santidade está preparado para o recital?

- Sim, senhor.

- Mas não quero nessa voz sem vida! Quero uma voz solene, como se Vossa Santidade estivesse coroando João Paulo Primeiro, trinta e três dias antes de matá-lo. Agora leia o texto, transmitindo esperança a todos nós.

Stephani Auri leu:

A NONA TESE

**Hoje pela manhã, no limiar dos primeiros selos,
os homens buscarão ruínas e não terão esse
privilegio. O Anjo de Paul Klee, esfaqueado por
milhões de lâminas, será aguardado por tochas
que carbonizarão suas fendas. Entre seus ossos,
os delitos de Deus, com a indiferença e a inércia,
implodirão seus últimos impulsos. De seu pérfido
perfil, os olhos atrozes serão corroídos por bolhas
de areia a petrificar sua impotência. O anjo será
hóspede predileto de Deus e ser hóspede de Deus**

é submergir nas cochas do Tártaro. Circunscrito à semi-alma de um verme, Deus não poderá salvar um entre milhões e o útero decomposto de Anne Frank não O perturbará. Os homens, submissos aos desígnios do Bronze, mutilarão a pele com extermínios infindos, extermínios infindos e extermínios infindos, que nunca lhes darão a morte peremptória. Orvalhos de pus cegarão a atmosfera, embaçarão nossos sentimentos e condenarão os deuses, ex-absolutos, a esqueletos obsoletos. E Deus, Que há seis dias diagramou o Inferno, não terá tempo de usufruí-lo. Que a humanidade esqueça essas prédicas equivocadas: esse delírio já é o presente.

O primeiro a aplaudir, naturalmente, foi o anfitrião:

- Palmas para o primogênito da porca!

O telefone tocou:

- Sim, ele mesmo. Mas não acredito! Eles enganaram Tímon de Atenas? Perdeu tudo? O quê? Repita, por favor. No deserto, quer dizer... não volta mais? Vou pedir um minuto de silêncio para ele. Não pela morte, que ainda não ocorreu, mas pelo retorno à miséria.

Após o silêncio, Mr. Methal disse ao Cardeal que não tinha gostado da voz dele:

- Quando Vossa Santidade pronunciar “Deus”, tem que ser no tom mais elevado possível, não com essa voz pejorativa.

Stephani Auri pediu para ser tirado da coleira, para ajustar a voz. Mr. Methal mandou tirar a coleira dos militares e colocar no Cardeal. Pediu desculpas a Fronderrel e Átila Barbados, e se abraçaram como velhos amigos. Mr. Methal chorou pela segunda vez:

- Átila, meu amigo, o que você fez em Carandiru, com aqueles cento e onze diplomatas, está guardado aqui no meu coração. Deus o abençoará cento e onze vezes no Juízo Final e você terá direito a cento e onze salvagens. Se for parar em um céu islâmico, você terá cento e onze virgens, às margens de cento e onze riachos de leite. Sabia que o dia e de outubro é o dia dos Anjos da Guarda? Fronderrel, meu filho, jamais esquecerei sua luta pela civilização, contra comunistas que queriam destruir nossos valores religiosos. Você foi um dos mais aplicados alunos de Dan Mitrione e também está guardado em meu coração.

Compreenda essa pequena extravagância como um equívoco, um pequeno mal-entendido que não abalará nossos corações. Cristo nos unifica. Aquele menino que você esmagou no torno, na minha frente, era um dos mais perigosos para a civilização cristã. Colina de Prata não fará nada com você, desde que mantenha sua fidelidade a mim.

Os três choraram e se abraçaram intensamente. Mr. Methal, como o homem mais humilde do mundo, lavou os pés deles e de todos os presentes. Apenas o Cardeal foi poupado, por causa das patas.

- Agora leia com solenidade!

Nesse momento, o telefone voltou a tocar. Tito Andrônico estava em apuros, sentindo ameaças de morte, mas Mr. Methal negou apoio a ele. Ordenou que ele se armasse e provocasse um massacre nos tiranos.

- A tirania tem que ser dizimada da face da terra. E a sombra de Deus deve voltar a pairar sobre as águas.

O último telefonema é que deixou todo mundo incrédulo?

- Sim, ele mesmo. Ah, o senhor? Já está chegando? Tudo preparado, senhor. As mesas já estão prontas para o jantar. Apenas os copos foram retirados, por suspeita de envenenamento. Mas já está tudo à sua espera. Eu? Sim, todos pensam que sim. O senhor é sempre um enigma.

3. A Santa Ceia

Quando cheguei ao gabinete do escritor para lhe mostrar um erro da peça, ele estava sendo surrado por Mr. Methal. Não admiti que ele também me violentasse e o estrangulei. O escritor saiu quase sem fôlego das mãos do morto. Sentou-se no birô e advertiu:

- Você acabou de matar um pobre contista que nunca teve sorte. Mas eu gostei de sua bravura. Ele escrevia para mim há muito tempo. Ele já sabia que eu ia ser assassinado aqui em casa, na Consolação, em 96. Agora é que estamos em 93 e ele se tornou perigoso. Ele me disse também que essa peça que corre lá fora tem um erro, como se eu fosse capaz de errar. Meu nome é Mr. Methal, feito de um anagrama de Hamlet. Não é qualquer mortal que terá a honra de me destruir. Nem a CIA tem conseguido essa proeza.

Olhei para o rosto do escritor no chão. Era ele que estava lá fora todo esse tempo, humilhando o Cardeal e orquestrando os excessos da orgia. Mr. Methal, agora, estava sentado à espera de um diálogo, ao que parecia.

- Você também é escritor e suas iniciais são AG, as mesmas dele. Meu nome original, do dinamarquês, também é AG, outros me chamam de Agá, outros me chamam de YHWH. Mudei para Mr. Methal por pura conveniência. Sei que você conhece meu livro como ninguém. Que erro tem nessa peça?

Olhei novamente o rosto do escritor. Era impossível ser uma máscara, assim como o Mr. Methal à minha frente tinha um rosto real. Procurei esconder o medo de ser morto ali dentro, em meio a um banquete irracional, e meu corpo nunca ser descoberto. Então parti para a explicação dos fatos:

- Ouvi o *senhor* e o general Fronderrel... Ou seja... eu vi esse cadáver aí e o general Fronderrel falando do bandido “Colina de Prata”. Isso é um erro crasso! O nome original dele, que aparece no conto “A primeira porta”, é Washington. Como ele odeia esse nome, adota um extremo: Ho-Chi-Mim. O pai dele, um criador de cavalos perseguido e depois assassinado por agentes da CIA, doutrina o filho, dede cedo, contra os americanos. Mas o ódio dele se exacerba, busca uma causa justa nos crimes cometidos pelos americanos no século vinte, e no final do mesmo conto ele muda o nome para “Quihica”. Esse conto foi publicado pela primeira vez em 98, daqui a cinco anos, mas não há complicação alguma. No final do segundo conto, “Pelos pobres de Tegucigalpa”, o bandido muda o nome para “Colina de Prata”. Ele decide fazer isso no dia 10nde setembro de 2001, certo de que no dia seguinte apenas ele estaria lutando contra os americanos, enquanto o resto da humanidade continuaria na letargia. Se estamos em uma festa em 93, estamos muito aquém da terceira mudança de nome dele.

Quando ele tentou reagir com violência, eu me adiantei. Caiu ao lado do outro, com o rosto quase idêntico, cuja descrição eu suprimiria, tempos depois, no meu conto “A magia dos excessos”. Mas era o segundo Mr. Methal que eu eliminava, fora o que eu iria eliminar, anos depois, em meu livro *A farsa dos milênios*. Comecei então a pensar como fugir dali. Nesse momento, gritarias triunfais irromperam por toda a mansão. Olhei pela janela do gabinete: era Mr. Methal chegando para iniciar o banquete.

Afastei os cadáveres para o canto da parede, fechei a porta e apaguei a luz. Corri para a área aberta, cercada de piscinas. Mr. Methal, dessa vez o verdadeiro, ia começar a peça de novo, com algumas alterações. Ele mesmo anunciou:

- Depois de Shakespeare, ninguém pode encenar nada sem choques sucessivos e permanentes. Não me interessa quem me chamem de extravagante e inverossímil. Eu sou Yorick, todos nós somos pobres Yoricks, e não temos razões para sermos moderados. A moderação é um pecado mortal. Deus nunca foi moderado. Como imagens dele, devemos

pecar até o último segundo da vida eterna! Como semelhança dele, temos que corromper o céu com o hálito do Inferno! Viva o Inferno!

Todos gritaram:

- Viva o Inferno!

Foram chagando, finalmente, as comidas. Centenas de garçons começaram a servir os pratos mais deliciosos: quilômetros de salmões grelhados com molho de vinho, cremes com milho e carnes de baleia traficadas do Japão, salpicões com as combinações mais esdrúxulas de verduras e cremes, bacias de arroz com passas e camarões, dezenas de travessas de pernis de avestruz arrodoados de frutas, bifês de búfalos do Canadá com farinha de ouro, coquetéis de todos os gostos – com pitadas de cocaína à escolha -, bebidas alcoólicas fermentadas há incontáveis eras, centenas de tubos de molhos orientais, carnes especiais de antílopes e girafas africanas, lingüinças de miúdos de mamutes pré-históricos reconstruídos pela engenharia genética, todos os tipos de pães árabes e judeus misturados com mel de abelhas da Ásia Menor, saladas as mais exuberantes preparadas por monjas desconhecidas, um enorme touro assado trazido nas costas por escravos da Guarda Pretoriana de Mr. Methal, doces de frutas amazônicas ainda não comercializadas, pratos gigantescos de macarronadas italianas cobertas de avalanches de queijos ralados, seis caminhões de pizzas das melhores marcas de São Paulo, tubos e mais tubos de rodela de testículo bovinos, legumes e tubérculo de todas as qualidades, receitas alternativas para o caso de algum imprevisto. Tudo ornamentado, segundo o Zelador da mansão, por nove milhões de bolinhas de jujuba. Quando ninguém aguentava mais, e até o Senador começou a vomitar, foi servido um bolo de meia tonelada em forma da vagina mais gigantesca do mundo, a de Nossa Senhora, e cada pelo era um palito de chocolate. Mr. Methal não aceitou que ninguém vomitasse, nem mesmo Caio Petrônio, a não ser dentro da piscina principal. Mandou secar mais duas piscinas: uma para encher de refrigerante, outra para transbordar cerveja.

Nesse momento, todo mundo parou de ouvir a voz de um dos querubins:

- Mr. Methal, deixa eu fazer cocô aqui?

- Claro que deixo. De preferência, dentro da piscina de refrigerante. Em seguida, se limpe na piscina de cerveja.

E esclareceu:

- Esses meninos, em sua experiência neste mundo perverso, foram estuprados nas ruas e depois nas casas de recuperação. Quando eu os tirei de lá, submeti-os à minha equipe médica, formada pelo finado Dr. Joseph Mengele – que Deus o tenha – e, eles foram operados. Hoje, o diâmetro do ânus deles é o de uma furada de agulha. O que todos eles

defecam em coro não encherá a tampa de um creme dental. Por isso, não se privem da cerveja ou do refrigerante, sirvam-se à vontade nas duas piscinas. Os grãos de cocô ficam boiando na bebida, mas não interferem no gosto dela.

Todos esperavam pela a porca que ia ser servida ao Cardeal, quando chegaram as nove mulheres grávidas. Eram paupérrimas, negras, sem um único dente, descalças, feridas pelos pés e marcas de violência em todo o corpo. Mr. Methal anunciou um prêmio:

- Um milhão de dólares para quem comer o prato principal da festa. O que eu servir até agora foram apenas entradas. Depois virão os pratos dignos de um jantar e depois a sobremesa. E o prato principal é absolutamente imprevisível. Não, não pensem que serão os fetos dessas desgraçadas.

Ordenou que elas ficassem nuas.

- Os fetos delas já estão destinados ao Cardeal.

Mathei Stephani Auri, no acúmulo e no cúmulo das humilhações, vomitou. Os seguranças o transportaram para a borda da grande piscina, onde todos iriam tomar banho no final da festa, que culminaria com a ressurreição de Lúcifer. Recolocando em seu lugar, o religioso não teve mais paz: os nove querubins se posicionaram em frente de cada uma das grávidas. Enfiaram delicadamente um dedo, depois vários dedos, na vagina delas, e foram limpar na roupa do Cardeal. Elas ficaram no chão, de pernas abertas, e eles começaram a sugá-las sem piedade. O líquido das miseráveis era acumulado na boca dos querubins, que seguiam compassos simétricos, e depois cuspidos no rosto do Cardeal. A situação começou a ficar inquietante: os querubins fizeram fila para beijarem a boca do Cardeal e ele resistiu. Acabou sendo mais arrocado nas três coleiras e mantido de boca aberta. Mr. Methal esclareceu:

- Sabe-se que um Cardeal dessa estirpe não pratica sexo oral. Isso tem que ser respeitado. Não vou forçar que ele lamba as negras, até porque não vou contrariar o desejo delas. Nada impede, porém, que ele seja beijado pelos meus querubins. Beijo é solidariedade. E Deus está presente dentro dessas negras, não fora.

Eu percebi mesmo como Fronderrel e Átila Barbados perturbados com a cena, como se pudessem passar pela mesma tortura. Mas Mr. Methal acalmou a todos:

- Tudo isso aqui é um experimento cênico. Não tem nenhuma ligação com a realidade. E eu repito: um milhão para quem comer o prato principal. A vagina da porca, tratada cautelosamente por meus cozinheiros, será a hóstia sagrada do Cardeal. Todo o corpo da porca vai fazer parte do sangue de Sua Santidade. Mas o prato principal não é esse. Ele será exibido no fim.

Abriam o portão principal para a entrada dos noventa e nove mendigos, entre eles o Magnífico Rei Lear. Em respeito ao ex-majestoso, Mr. Methal mandou que enviasse as negras grávidas para a equipe médica, em um dos cômodos da mansão, e logo depois trouxessem os embriões em calda para testar a fé do filho de Deus.

- Rei Lear, meu belo Rei Lear! A ingenuidade é linda, mas é propriedade exclusiva dos débeis mentais! É o que eu disse a você há muito tempo na Inglaterra, disse ao Frei Lourenço em Verona, disse àquele casalzinho idiota que se mata por amor... Amor, uma invenção cristã... Olhe o que diz o poeta Dante: “Diante do que os cristãos fizeram pelo mundo, Lúcifer deveria ser coroado de flores e seu coração ser beijado por mil crianças puras”.

- Em que parte da Divina Comédia está essa frase?

Quando eu era Rei, lia todas as noites para Cordélia os versos de Dante e não me lembro dessa passagem.

- Majestade, Dante é personagem de um escritor obscuro que trabalha pra mim. Ele está lá dentro concluindo esta peça. Já deve ter matado o meu sócia e deve estar escondido nessa pequena multidão. Mas isso é o de menos. O que acontecer é tão verossímil quanto inverossímil. Não há diferença entre a realidade e a ficção. O que mais importa é iniciar a Santa Ceia, para depois servimos o prato principal.

Os mendigos começaram a devorar as mesas. Estavam imundos, com perfume concentrado de carniça, como se saíssem de esôfagos de milhões de abutres. Suas unhas eram rigorosamente deformadas, pretas e oleosas. Seus rostos, envelhecidos de carência e desgaste da pele, ficavam mais grotescos à medida que riam e mastigavam as comidas e conversam naturalmente com os outros. Várias pessoas correram para a piscina grande com enjôos e despejaram líquidos abomináveis nas águas. Era o que Mr. Methal queria para obrigar todos a petiscar novamente as entradas, enquanto aguardavam os pratos mais decentes e a revelação do prato final.

Chegaram as encomendas feitas à equipe médica. Os bloquinhos amarelos, com breves recheios de listas de sangue, foram cobertos de hóstias e adocicadas com leite condensado e pontinhos de caramelo. O Cardeal comeu uma a um, impassível, sendo largamente aplaudido pela sua comunhão com os pobres.

- Palmas para o primogênito da porca!

A essa altura do relato, eu prefiro omitir o detalhe da mãe servida ao filho e o banho de piscina de todos, com os noventa e nove mendigos, todos em júbilo nas águas empestadas

de vômitos. O relato do prato principal – que eu ainda faço por abreviar – é menos grave e mais humano.

Mr. Methal impôs que nenhum dos mendigos – inclusive Lear – tomasse qualquer tipo de bebida. Também lhes foi ordenado que não palitassem ou limpassem os dentes de nenhuma forma. Ele, o anfitrião, o célebre Mr. Methal, é que limpava as gengivas e os cacos podres de todos.

E assim o fez. Começou a passar o dedo de boca em boca, varrendo os restinhos de comida e depositando-os em um prato. Fez isso com extrema naturalidade, arrancando fios de carne mordida de dentro de buracos das bocas, babas de arroz com pedaços de macarrão e massas molhadas. Ele foi limpando o dedo no mesmo prato, preparando a massa mais abominável que já presenciei. Quando limpou a boca do último mendigo, o prato chegava a uns novecentos gramas, coalhado de cuspes. Foi o momento de maior silêncio de toso o banquete.

- Esta saliva coletiva é o verdadeiro fundamento de Deus. Aqui está a pobreza, a humildade, a nossa salvação.

Ergueu o prato e disse:

- Tomai e comei. Um milhão para quem comer o corpo de Deus! Enquanto vou lá dentro buscar o dinheiro, quero que esse prato passe de mão em mão, para estimular a fé e a coragem. Apenas os mendigos e o Cardeal estão proibidos de concorrer.

Eu o acompanhei até o seu quarto. Como era seu escritor, já tinha conseguido confiança. Mas aí pensei em mudar o epílogo da festa e diversos epílogos vieram à minha mente. Em um deles, sem um único centavo. Em outro, ele me forçaria a reengravidar as nove negras mendigas e doentes e eu morreria de alguma forma. Então me aproximei dele, em um dos corredores, e o matei a facadas. Corri para o portão principal em meio de barulhos e perseguições, quando outros gritos vinham de fora. Mal pisei na Rua da Consolação, Mr. Methal vinha chegando com todo o seu séquito, inclusive com o Cardeal e os mendigos. Eu me desesperei e lhe caí de joelhos, já chorando:

- Mr. Methal, eu sou um escritor obscuro. Minha imaginação é inútil. Jamais acompanha as astúcias tão inverossímil da realidade! Eu matei o senhor lá dentro três vezes e acho que matei também o escritor.

Ele me consolou com risadas leves:

- Você me matou? Mas eu estou chegando agora com meu escritor predileto, Arturo Gouveia, para a gente montar a peça da Semana Santa. Levante-se. Nossa festa vai começar agora.

(João Pessoa, fevereiro de 2008)

Anexo B

O PERFUME DE ROBERTA

Acordo de madrugada com a mão segurando o seio de minha mulher. Está escuro, apenas um fiozinho de claridade vindo do quarto de minha filha Roberta e entrando por baixo da porta. Minha mulher se vira quando sente minha mão apalpando-a. Mas não acorda, tosse e estala a língua. Me levanto devagar, tateando no escuro. Vou ao quarto de minha filha, abro o guarda-roupa com cuidado, apanho a roupa e o perfume dela. Entro no banheiro, escovo os dentes, me visto e me penteio. Chego até a cozinha, pego um saco de supermercado, faço um pacote com o casaco, a calça e o perfume de Roberta. Antes de sair, ainda me encosto um pouco na porta do quarto, fico escutando-a dormir.

Desço para a garagem do prédio, pego o carro. São duas e cinco. Quando vou passando pelo portão, percebo que o porteiro cochila na guarita envidraçada, mas logo desperta, me acena. Já conversei com esse porteiro, dei dinheiro para ele ficar calado se alguém lhe perguntar se saio a essa hora. Vou pelas ruas meio escuras de Perdizes, desço a Monte Alegre, em pouco tempo caio na São João. A madrugada está fria e mantenho os vidros do carro levantados, as portas travadas. Há poucos carros parando nos faróis e alguns bares ainda estão abertos. Dou voltas e, depois que cruzo a Angélica, vou parando, encosto o carro na calçada do bar e restaurante Jumbo. Sento-me numa mesa de fora, eu tremo. O garçom me traz um conhaque, bebo molhando os lábios. Eu tremo, sempre fico assim quando venho. Noto que eles estão lá, embolados embaixo dos cobertores, e hoje por ali parece mais escuro. É sempre um pouco difícil eu andar para perto deles, fazer o reconhecimento.

— Cobra aqui — chamo o garçom.

Recebo o troco, estiro uma gorjeta pra ele, saio pela calçada. Atravesso a praça Marechal Deodoro, alguns deles estão nos canteiros de terra em torno de uma fogueira. A fumaça sobe rala para as janelas dos edifícios. No farol, vou para o outro lado da rua, ando por baixo do Minhocão. Vou passando pelos corpos deitados no chão, os cobertores arroxeados, um pé de fora com nódoas. Confiro dez corpos nesse trecho. Lá na frente, na coluna com o olho desenhado com tinta preta, é onde ela costuma ficar. As duas criaturas de sempre — duas velhas de cabelos duros, empoeirados — estão ali perto dela. Já disse para ela ficar adiante, na parte mais clara e sem ninguém, tanto lugar mais apropriado nessa cidade. Ela falou que só fica agrupada. Me aproximo, olhando pros lados. Ela está na penumbra e,

após ir e voltar duas vezes, fingindo ler os cartazes nas colunas, me abaixo sobre o corpo dela, puxo-lhe o cobertor. Ela arregala os olhos, ergue a cabeça.

— Ai, que susto! — diz.

Ela tem os cabelos caindo pelo pescoço e eu tremo.

— Vamos — digo.

Enquanto ela arruma os cabelos, põe o cobertor e uns panos numa mochila, vou até o Jumbo, pego o carro. Sigo, dobro a primeira esquina, entro numa rua suja, os bagaços de frutas nas calçadas, e venho apanhá-la. Ela entra calada no carro, seguro-lhe a mochila, empurro-a no banco de trás.

Atravesso a Mário de Andrade um pouco rápido, preciso ganhar tempo. Ela continua calada e eu ponho um CD. Ela fica observando as luzes laranjas do painel do carro, de vez em quando me olha de lado. Eu tremo. O nevoeiro toma as ruas, encobre os edifícios, o arco cinzento do viaduto.

— Está frio, não? — digo.

— Sim — ela tosse.

Eu olho para as coxas dela na calça de moletom amassada, para o busto bem feito. A face fina agora iluminada pelas luzes altas dos postes. O blusão verde com o zíper arrebitado.

— Por que tu não veio na semana passada? — ela quer saber.

— Estive viajando — minto.

Aperto um pouco o acelerador, desço na Marginal Tietê. As águas do rio refletem as luzes amarelas das pontes, uma lua manchada sobre os prédios do Limão. Entro na rua estreita, onde há o terreno baldio ao lado do velho depósito em construção. Paro em frente ao depósito, meto a mão embaixo do banco, apanho o pacote com o casaco, a calça e o perfume de Roberta. Passo-lhe o pacote, ela desce calada do carro, caminha na direção do depósito, vai para detrás de uma parede. Fico observando pelo retrovisor se aparece alguém. Em poucos minutos ela surge da penumbra, vestida na roupa que eu trouxe, a que estava usando no saco. Entra no carro, o frasco de perfume no bolso do casaco. Ela fica bem nessa roupa de Roberta.

Resolvo levá-la para uma lanchonete na Lapa, paro num beco. Quando encostamos no balcão, ao fundo, o senhor moreno diz que não atende mais, já está fechando. Voltamos para o carro. Vou, mergulho novamente na Marginal Tietê. O trânsito está livre, mas ainda circulam muitos carros a essa hora. Corre um vento, os matos entre a pista e o rio se torcem. Aperto de leve a mão dela.

— Tudo bem com você? — pergunto.

— Tudo, Pedro — eu falei pra ela que me chamo Pedro.

Eu compro alguns CDs por mês. Sei que ela gosta do Salgadinho, mas não tenho nenhum CD do grupo dele. Ponho um outro grupo de pagode. Ela tem as coxas apertadas na calça de Roberta — e permanece calada. Os olhos brilham nessa madrugada nevoenta. A cidade está embaçada, o Tietê está embaçado.

— Esse rio fede, não? — eu digo.

— É.

Pego-lhe de novo na mão. O perfume de Roberta (ela manuseou o frasco) penetrou na sua pele, deixou-a agradável. Levo a mão dela ao nariz, beijo-a. Ela parece contente.

— Semana passada fiquei te esperando — diz.

— O gerente da transportadora me mandou ao Rio — minto de novo, não trabalho em transportadora.

Sei que ela me espera porque tem fome. E é também por isso que não perco tempo e, fechando a curva de vez, entro no motel. Quando chegamos à meia-luz do quarto, peço que ela vá logo ao banheiro. Ela vai, entra no chuveiro, eu levo-lhe o perfume. Passo os olhos no cardápio, interfono pedindo um prato. Ela sai do banho nua, os cabelos molhados parecendo os de Roberta quando mais nova. As coxas brilham à luz amarela do box. Eu tremo.

Eu a conheci numa noite em que passei no Jumbo, Roberta viajando com a mãe para a casa dos avós, em Taubaté. Ela veio, se aproximou, pediu-me um prato de comida, eu numa mesa de fora, sem ninguém por perto. Desde esse momento fiquei inquieto, achei-a uma garota muito bonita para aquilo. Ela ali, me pedindo um prato, os seios furando a blusa descosturada entre os botões. Ela ali, uma quase menina, me pedindo comida. Eu não pude suportar. Dei-lhe um bife com batatas e, na noite seguinte, voltei ao Jumbo. Ela apareceu novamente, voltei a pagar-lhe a comida, ela disse que dormia ali perto, debaixo do Minhocão, na coluna onde tinha o desenho preto de um olho. Estiquei a vista, vi o olho lá, aberto na penumbra. Na terceira noite tive a idéia de levar a roupa e o perfume de Roberta para ela poder sair comigo, ir a um restaurante discreto. E, assim, ficamos saindo às quartas-feiras, de madrugada, depois que Roberta e a mãe caem no sono pesado (claro, sempre trago a roupa e o perfume de volta). Sou funcionário da prefeitura e advogado e o escritório onde dou um expediente, na Major Sertório, uma noite foi arrombado, levaram-me a máquina fotográfica que comprei nos Estados Unidos. Fui uma madrugada por lá, parei na esquina, sondei, eu desconfiava de um segurança. Se Roberta acordar (ela e a mãe nunca acordam!) durante as minhas saídas, eu vou dizer que fui dar uma passada no escritório, estava sonhando que tinham arrombado de novo. Roberta vai falar que absurdo, andando a essa hora na rua, mas é

a única desculpa que eu tenho. Eu também posso dizer que fui apanhar as pastas de uns inquilinos que esqueci no escritório, eu trabalho às vezes até tarde da noite. Já fiquei madrugadas e madrugadas no computador — e ninguém se moveu em casa. Ana Rita — o nome dela é Ana Rita — me diz, ainda ali na calçada do Jumbo, que veio de Sergipe com o pai pedreiro há três anos. Uma tarde o pai apanhou-a com um frentista na cama, expulsou-a de casa. Ana Rita foi trabalhar numa casa de família na Vila Mariana, o médico seu patrão tentou pegá-la uma noite. Ela foi embora, bateu atrás de um outro emprego, mas não conseguiu nada. Decidida a não mais voltar para Sergipe, passou a viver nas ruas. Ana Rita tem só dezessete anos e, às vezes, encasqueto um pouco por ela perambular por aí. Nesta cidade tem muito vagabundo.

Quando vejo o corpo nu de Ana Rita, fico zozzo. Eu sou um homem de quarenta e seis anos e acho normal sentir o que sinto com uma garota de dezessete. E é por isso que, aqui no motel, depois que ela se banha e se perfuma, agarro-a com firmeza, levo-a para a cama, ela se debatendo, agora não, vamos esperar o..., eu atropelo as palavras dela, eu me tremendo e derrubando-a no colchão, no filme erótico a japonesa sendo penetrada pelo loiro, o besouro tatuado no peito, eu esmagando os lábios de Ana Rita com um beijo, ela voltando a se debater, fechando os braços, agora não, mas eu forço, não, puxo-lhe os braços e já estou dentro dela, gemendo, beijando a sua pele perfumada, agora não, espera, e eu suspirando e mordendo e apertando muito esse corpo miúdo — e já gozando. A campainha toca, abro a portinhola, apanho a bandeja com a comida. Ana Rita se levanta, põe o casaco, se senta na mesinha. E come com vontade, é isto que ela mais quer, comer, traçar o frango assado, se empanturrar com o macarrão, beber o suco com gosto. E Ana Rita está linda assim, comendo e bebendo, os cabelos molhados lembrando os de Roberta mais nova, o casaco pregando-se aos seios. E, vendo as coxas dela com algumas gotas, eu sinto novamente vontade e me encosto outra vez em Ana Rita, me debruço sobre o seu corpo, ela comendo com sabor, eu tomando-a pelo busto, ela mordendo o frango, eu já duro, roçando-me nas costas dela, ela dizendo espera aí, deixa eu comer primeiro, eu lambuzando-a com o meu líquido, outra vez a vontade doida, ela metendo o tomate na boca, eu me dobrando, o loiro do filme empurrando tudo na japonesa, eu me dobrando mais, fazendo Ana Rita se erguer um pouco e depois ir caindo nas minhas pernas, Ana Rita mastigando e eu me enfiando embaixo dela, ela mastigando e já sentada em mim e eu penetrando-a fundo de novo, ela mastigando, eu fungando, ela mastigando, eu fungando, e afinal gozando, derramando muito, ah, que perfume!

Saio, vou para o chuveiro, Ana Rita fica terminando de engolir a comida. Depois que venho, ela vai se limpar. No filme o loiro borra os lábios da japonesa, o besouro retesado.

Quando deixamos o motel, a madrugada está ainda mais nevoenta. Pergunto se ela ainda quer ir a algum lugar.

— Não.

— Pensei que hoje você queria andar um pouco mais.

— Não, Pedro, me deixe lá...

Acelero o carro, sigo para pegar adiante a rua estreita do depósito. Ela já se habitou a todo final de noite me devolver a roupa e o perfume de minha filha. Paro o carro diante do depósito, fico esperando ela ir se trocar atrás da parede. Sinto um pouco de cansaço. Uma estrela treme entre duas nuvens. Do Tietê sobe o mau cheiro.